

MARIANA FILIPA RAÍNHO COUCEIRO

PERCEÇÃO DO FUNCIONAMENTO FAMILIAR E REDE SOCIAL PESSOAL DE ESTUDANTES DE ENSINO SUPERIOR



ESCOLA SUPERIOR DE ALTOS ESTUDOS

Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica

Área de Especialização em Terapias Familiares e
Sistémicas

COIMBRA, 2018



Perceção do Funcionamento Familiar e Rede Social Pessoal de Estudantes de Ensino Superior

MARIANA FILIPA RAÍNHO COUCEIRO

Dissertação Apresentada ao ISMT para Obtenção do Grau de Mestre em Psicologia Clínica
Ramo de Especialização em Terapias Familiares e Sistémicas

Orientadora: Professora Doutora Joana Sequeira, Professora Auxiliar, ISMT

Coorientadora: Professora Doutora Sónia Guadalupe, Professora Auxiliar, ISMT

Membros do júri

Presidente: Professora Doutora Laura Lemos, Professora Auxiliar, ISMT

Arguente: Professor Doutor Henrique Vicente, Professor Auxiliar, ISMT

Coimbra, outubro de 2018

Agradecimentos

A todos aqueles que, direta ou indiretamente, contribuíram para a concretização desta última etapa académica, a minha eterna gratidão...

À minha orientadora, Professora Doutora Joana Sequeira, um especial agradecimento por todos os ensinamentos, pela exigência e tolerância com que me orientou. Pela referência: profissional e humana.

À minha coorientadora, Professora Doutora Sónia Guadalupe, pela sabedoria teórica e prática no que respeita às redes sociais e à estatística, mas sobretudo pela sua disponibilidade para me acompanhar neste percurso.

Aos docentes do Instituto Superior Miguel Torga (ISMT) que me permitiram realizar a recolha de dados, no decurso das suas aulas, para que se tornasse possível a realização desta dissertação.

Aos estudantes do ISMT pelo contributo da sua participação, pela disponibilidade e seriedade com que encararam a colaboração no estudo.

À Carla, pelo incentivo e prontidão com que sempre me esclareceu, mas principalmente pela amizade que fomos construindo ao longo do percurso académico.

Aos meus pais, por tudo o que me proporcionaram ao longo da vida, mas particularmente por estarem ao meu lado nesta última etapa académica.

À minha irmã e ao meu afilhado, pois apesar da sua juvenildade, apresentam um carisma e uma garra indescritíveis que me ampararam ao longo deste período.

À minha querida avó, pois a ela lhe devo tudo aquilo que hoje sou.

E a ti, meu amor, pela presença incondicional, pelo suporte neste e em quaisquer desafios que abrace. Uma vez amor, amor para sempre!

Resumo

Objetivo: O objetivo central desta investigação foi analisar a percepção que os estudantes do ensino superior têm do funcionamento das suas famílias, caracterizar a sua rede social pessoal, bem como estudar as relações entre estas duas variáveis.

Metodologia: Participaram 247 estudantes a frequentarem o Instituto Superior Miguel Torga (ISMT), nos cursos de Multimédia, Gestão de Recursos Humanos, Gestão, Comunicação Empresarial, Jornalismo, Serviço Social e Psicologia, com idades compreendidas entre os 17 e os 55 anos de idade. Os instrumentos administrados foram a *Escala de Avaliação da Flexibilidade e da Coesão Familiar* (FACES-IV), o *Instrumento de Análise da Rede Social Pessoal* (IARSP) e o questionário sociodemográfico e de dados complementares.

Resultados: Os estudantes avaliaram as suas famílias como equilibradas, apresentando resultados elevados na coesão equilibrada e na flexibilidade equilibrada. Ainda assim, revelaram-se pouco satisfeitos com as suas famílias. Os participantes que estão com a família mais frequentemente têm uma maior percepção de emaranhamento. Os estudantes que fazem parte de famílias nucleares alargadas e nucleares intactas têm uma percepção mais positiva do funcionamento da sua família. As redes dos estudantes têm um tamanho médio de 8 elementos e são sobretudo compostas por familiares e amigos. As redes verificaram-se coesas, com elevada percepção de reciprocidade e de apoio percebido/recebido. A entrada para o ensino superior não gerou modificações no tamanho da rede. Observou-se, ainda, uma correlação entre o tamanho da rede e a coesão e a flexibilidade na família.

Conclusão: Este estudo permite concluir que o funcionamento familiar e a rede social dos estudantes se encontram relacionados e podem potenciar o ajustamento na etapa desenvolvimental e nos desafios que esta acarreta para os mesmos.

Palavras-chave: Funcionamento Familiar; Rede Social; Estudantes Ensino Superior.

Abstract

Purpose: The main objective of this study was to analyze the perception that higher educated students have of the functioning of their families, characterize their personal social network and study the relations between these two variables.

Methodology: A total of 247 students of ages between 17 and 55 participated in this research. They studied Multimedia, Human Resources Management, Management, Business Communication, Journalism, Social Work and Psychology in Instituto Superior Miguel Torga (ISMT). The instruments applied were the *Family Adaptability and Cohesion Scale* (FACES-IV), the *Instrumento de Análise da Rede Social Pessoal* (IARSP) and the socio-demographic and complementary data questionnaire.

Results: The students evaluated their families as balanced, presenting high results in balanced cohesion and in balanced adaptability. However, they were dissatisfied with their families. The participants who are with the family more often perceive their families as more enmeshed. Students of extended nuclear and intact nuclear families have a more positive perception of their functioning. The student's social networks have an average of 8 elements and are mainly composed by family and friends. The social networks were cohesive, with a high perception of reciprocity and perceived / received support. The access to higher education did not generate changes in the size of the social network. A correlation was observed between the size of the social network and the cohesion and flexibility in the family.

Conclusion: This study allows us to conclude that the family functioning and the social network of the students are related and can enhance the adjustment in the development stage and the challenges that it entails for them.

Keywords: Family Functioning; Social Network; Higher Education Students.

“Família é contexto natural para crescer.

Família é complexidade.

Família é teia de laços sanguíneos e, sobretudo, de laços afectivos.

Família gera amor, gera sofrimento.

A família vive-se. Conhece-se. Reconhece-se.”

(Relvas, 1996, p. 9)

Introdução

Ao longo das últimas décadas, a transição da adolescência para a idade adulta tem sido objeto de investigação de destaque por parte da comunidade científica. A etapa da adolescência é a etapa do desenvolvimento que antecede a entrada na fase adulta, e o processo de autonomização na qual ocorre uma (re)estruturação interna e conflitos identitários, bem como a separação-individação face à família (Hendry & Kloep, 2002; Mota & Rocha, 2012). Tais desafios devem ser ajustadamente resolvidos para que a entrada na etapa posterior seja conseguida (Mota & Rocha, 2012).

Assumindo-se a importância da família, particularmente, o modo como a mesma atua e se ajusta aos desafios familiares, individuais e sociais envolvidos no processo de transição e adaptação dos jovens ao ensino superior (Seco, Dias, Pereira, Casimiro, & Custódio, 2007), o papel das redes sociais no desenvolvimento de crianças e jovens e a função suportativa que delas advém (Alves, 2007), o presente estudo pretende investigar a percepção dos estudantes universitários acerca do funcionamento das suas famílias, bem como a sua rede social pessoal.

A família encontra-se em permanente transformação e adaptação e são constantes as mudanças que vão sucedendo numa “sequência previsível de transformações na organização familiar, em função do cumprimento de tarefas bem definidas; a essa sequência dá-se o nome de *ciclo vital* e essas tarefas caracterizam as suas etapas” (Relvas, 1996, p. 16). A quinta etapa, do ciclo vital da família - *família com filhos adultos* - caracteriza-se pela saída dos filhos de casa, assinalando-se como um período de enorme movimentação familiar (Relvas, 1996).

Segundo Relvas (1996), estas mudanças, expectáveis ou não, podem acarretar um elevado nível de stresse e, conseqüentemente, uma maior probabilidade de disfunção. No entanto, a saída dos filhos de casa, para o ensino superior, constitui uma crise normativa positiva e muito aguardada pela família. Nesta fase de transição dá-se um movimento de maior abertura face ao exterior, na medida em que outros sistemas passam a ser incluídos no contexto de vida do jovem universitário (novas relações de amizade e amorosas, outros tipos de relações, nomeadamente, sociais, tais como as associações académicas, etc.) (Relvas, 1996).

Vários processos interagem reciprocamente entre o jovem, a família e a sua rede social que irão organizar o ajustamento do jovem a um conjunto de desafios. O funcionamento da família apresenta, nesta fase, um papel fulcral. Refere-se aos processos da família como um todo, como interagem, reagem, se ajustam, processo de tomada de decisões face aos problemas (Winek, 2010), definição de propósitos e estabelecimento de regras (Lanigam, 2009). De acordo com Keitner, Heru e Glick (2010), refere-se ainda à capacidade da família para realizar tarefas e se ajustar a novas circunstâncias, considerando necessidades familiares e individuais.

De entre os múltiplos modelos compreensivos do funcionamento familiar, o Modelo Circumplexo do Sistema Conjugal e Familiar, desenvolvido por Olson, Sprenkle e Russell, em 1979, explica o funcionamento da família mediante dois processos complexos: a coesão e a flexibilidade. A comunicação é considerada facilitadora das dimensões centrais referidas (Olson & Gorall, 2006).

A coesão refere-se ao vínculo emocional que os elementos da família estabelecem entre si, incluindo os processos de decisão, os limites, as ligações, as ligações emocionais, o tempo, o espaço, os interesses e atividades comuns. A flexibilidade inclui a capacidade adaptativa da família, a organização, a liderança, as regras e compromissos entre os elementos (Olson, 2011; Olson & Gorall, 2006).

O modelo circumplexo apresenta a hipótese de que um bom equilíbrio entre a coesão e a flexibilidade se traduz numa família mais funcional, desequilíbrios nestas duas dimensões estão associados a problemas no funcionamento familiar (Olson & Gorall, 2006).

Conforme Olson (2000), no que concerne à dimensão da coesão, os níveis extremos desta - desmembrada e emaranhada - podem ser problemáticos no funcionamento de uma família. Contudo, os níveis intermédios - separada e ligada -, são considerados indicadores de equilíbrio.

Também a flexibilidade apresenta quatro níveis: rígida (extremamente baixa), estruturada (baixa e moderada), flexível (moderada a alta) e caótica (extremamente alta). Níveis extremos de flexibilidade - rígida e caótica - apresentam-se como indicadores de um funcionamento desequilibrado e de vulnerabilidade familiar. Níveis intermédios são considerados como equilibrados e indicadores de uma flexibilidade ajustada (Olson, 2000).

De acordo com Olson e Gorall (2003), a comunicação familiar facilita a proximidade e a promoção de mudanças na coesão e na adaptabilidade, referindo-se à capacidade de escuta (atenta e empática), partilha de sentimentos sobre si mesmo e sobre a relação (autorrevelação), a capacidade de dar seguimento a uma conversa (diálogo), a clareza e respeito pelos vários elementos da família. A comunicação é, por isso mesmo, definida como uma competência familiar facilitadora das restantes dimensões.

Segundo Falceto, Busnello e Bozzetti (2000), as 16 combinações familiares apresentadas irão dar origem a três grupos: o grupo de baixo risco (famílias com coesão e adaptabilidade médias), o grupo de risco moderado (famílias em que os resultados são equilibrados numa dimensão e extremos noutra) e famílias de alto risco (famílias em que os resultados são extremos em ambas as dimensões).

Sendo a família o contexto de vida mais significativo do ser humano, os investigadores têm vindo a dedicar uma particular atenção à sua influência no desenvolvimento psicossocial e nos comportamentos adaptativos do indivíduo (Bradley & Corwyn, 2000; Lee, Hamman, & Lee, 2007). Neste sentido, Silva e Ferreira (2009) exploraram os contributos do contexto familiar para o desenvolvimento psicossocial

do jovem adulto, particularmente o seu ajustamento ao ensino superior. Nesta investigação foram identificadas características familiares que se constituem como facilitadoras ou como bloqueios nos processos de desenvolvimento psicossocial. Os estudos apontaram o papel positivo exercido pelos laços afetivos, pela coesão e expressividade, pelo suporte parental e pela facilitação do processo de separação-individação no desenvolvimento e integração do indivíduo. Todavia, o conflito, a ausência de suporte e a vinculação disfuncional relacionam-se com dificuldades de adaptação e no desenvolvimento psicossocial do jovem adulto (idem).

Na mesma linha, a investigação realizada por Oliva, Jiménez, Parra e Sánchez-Queija (2008), sobre a relação entre os acontecimentos de vida stressantes e a adaptação dos adolescentes a vários desafios, concluiu que os jovens que vivem em famílias onde se observou coesão, adaptação familiar e relações com elevado suporte emocional na família, obtêm resultados positivos no confronto com novos desafios e na sua resolução (Oliva et al., 2008).

A investigação desenvolvida por Anjos (2017), com 516 estudantes de ensino superior, de Portugal Continental, com idades compreendidas entre os 17 e os 38 anos, no qual foram utilizadas a *Escala de Avaliação da Flexibilidade e da Coesão Familiar* (FACES-IV) e a *Escala de Satisfação com o Suporte Social* (ESSS) demonstrou que os estudantes perceberam, na generalidade, as suas famílias como equilibradas (pontuações elevadas nas escalas equilibradas e baixas nas escalas desequilibradas). Não foram encontradas quaisquer regularidades nem associações entre as variáveis sexo, residência, ano curricular, reprovações e tipo de ensino com o funcionamento familiar. A satisfação com o suporte social foi elevada, particularmente, nas dimensões da Satisfação com a Intimidade e da Satisfação com Atividades Sociais, e média, nas dimensões da Satisfação com a Família e da Satisfação com Amigos. Concluiu-se que a percepção do funcionamento familiar e a satisfação com o suporte social se relacionam de forma positiva, nas suas variadas dimensões, contribuindo para a adaptação do jovem ao ensino superior.

A investigação realizada por Cerveira (2015) acerca da percepção do funcionamento familiar de 1089 sujeitos de 387 famílias (famílias nucleares intactas, monoparentais e reconstituídas), concluiu que os elementos que pertencem a famílias nucleares intactas têm uma percepção mais positiva do funcionamento familiar (percepção de maior coesão, adaptabilidade, equilíbrio/competência, de melhor comunicação e de menor desmembramento), comparativamente com as famílias monoparentais. Estas perceberam-se como mais disfuncionais, até mesmo quando comparadas com os casais sem filhos. Os filhos também apresentaram uma percepção mais negativa das várias dimensões da família em comparação com os seus pais: enquanto que os primeiros perceberam as suas famílias como mais desmembradas, os segundos perceberam-nas como mais coesas, flexíveis, emaranhadas e com

melhor comunicação. Foram ainda identificadas diferenças na perceção de funcionamento familiar em distintas etapas do ciclo vital das famílias, nomeadamente nas famílias nucleares e nas famílias monoparentais. As famílias nucleares intactas apresentaram diferenças nas subescalas da FACES-IV nas etapas da “família com filhos na escola” e da “família com filhos adultos” ao nível da coesão, do desmembramento e da comunicação, tendo sido as famílias com filhos na escola a perceberem uma maior coesão, uma melhor comunicação e um menor desmembramento quando comparadas com as famílias com filhos adultos. Também entre as famílias com filhos adolescentes e as famílias com filhos adultos se averiguaram diferenças significativas, estas evidenciadas através de pontuações mais elevadas ao nível da adaptabilidade e na comunicação familiar pelas famílias com filhos adolescentes. Para além disso, verificaram-se diferenças nas famílias monoparentais nas subescalas da FACES-IV entre as seguintes etapas do ciclo vital: 1) famílias com filhos na escola e famílias com filhos adolescentes ao nível da adaptabilidade e da rigidez, uma vez que as primeiras se perceberam como mais flexíveis e menos rígidas; 2) famílias com filhos adolescentes e famílias com filhos adultos em termos de emaranhamento e de rigidez, dado que as primeiras se perceberam como mais emaranhadas e mais rígidas; e 3) famílias com filhos na escola e famílias com filhos adultos no que respeita à rigidez, uma vez que as primeiras se perceberam como menos rígidas.

No estudo desenvolvido por Fiorini (2017), no Brasil, sobre a perceção do funcionamento familiar, a diferenciação do *self* e a adaptabilidade face à carreira de 800 estudantes universitários, com idades compreendidas entre os 18 e os 35 anos, através da FACES-IV, do *Inventário de Diferenciação do Self* e da *Escala de Adaptabilidade de Carreira*, concluiu-se que os sujeitos mais diferenciados tendem a perceber a comunicação na família de uma forma mais positiva, além de demonstrarem maior satisfação com a relação familiar.

Também a continuação da coabitação ou não com a família, durante o período académico, não apresentou qualquer influência na diferenciação do *self*, na adaptabilidade face à carreira, nem na perceção do funcionamento familiar dos inquiridos.

Nelas, Chaves, Coutinho, Cruz e Amaral (2016) analisaram a coesão e a flexibilidade na família e também verificaram diferenças significativas relativamente às variáveis sociodemográficas de 820 estudantes de ensino superior, com idades compreendidas entre os 20 e os 48 anos. Constatou-se que os estudantes do sexo feminino avaliam as suas famílias como mais coesas e mais flexíveis (81,4%). No que respeita ao estado civil, são os participantes comprometidos em comparação com os estudantes solteiros que revelaram um nível mais elevado de adaptabilidade e de coesão na família. Relativamente à idade, foram os estudantes mais jovens que perceberam a coesão e a flexibilidade da família como mais baixa.

Eigen, Hartman e Hartman (1987), partindo do Modelo Circumplexo da estrutura e do funcionamento familiar de Olson e colaboradores, em 1979, concluíram que as famílias que evidenciavam um equilíbrio entre níveis de coesão e níveis de adaptação familiar promoviam maiores níveis de autonomia e investimento na formação dos seus elementos. No entanto, famílias rígidas e emaranhadas, assim como famílias desmembradas/desligadas tendiam a promover situações de indecisão vocacional crónica nos adolescentes e jovens.

De acordo com Zingaro (1983), famílias aglutinadas não facilitam o desenvolvimento vocacional, uma vez que os sujeitos apresentam dificuldades em diferenciar as suas expectativas vocacionais das expectativas das figuras parentais. Na mesma linha, Lopez e Andrews (1987) referem que a disfunção da família (por exemplo, conflitos a nível conjugal ou possíveis triangulações entre um dos elementos do casal e o filho(a)) poderá interferir negativamente no desenvolvimento vocacional, bem como contribuir para a emergência da indecisão vocacional.

Para além da importância da família no desenvolvimento e ajustamento dos jovens adultos ao ensino superior, é de sublinhar o papel da rede social pessoal e a função protetiva que dela advém no desenvolvimento de crianças e jovens (Alves, 2007). A literatura tem demonstrado de forma consistente o papel das redes e do suporte social no desenvolvimento de crianças e jovens, assim como a sua proteção face a vulnerabilidades (Dinis, 2013; Martín & Dávila, 2008).

De acordo com Sluzki (1996), o termo “rede social pessoal” ou “rede social significativa”, designa “todas as relações que um dado sujeito entende como significativas para si, que se diferenciam da massa anónima da sociedade” (Sluzki, 1996, p.17), correspondendo ao núcleo das relações interpessoais importantes de um sujeito, que representa um papel significativo na individualidade, bem-estar, competências e capacidade de adaptação a crises. Segundo Alarcão e Sousa (2007), a rede é um sistema aberto e recíproco que, através de um intercâmbio dinâmico entre elementos desta e de outros grupos sociais, potenciam recursos, tendo em vista a satisfação das necessidades e interesses dos seus elementos. A rede social pessoal tem vindo a assumir protagonismo nos debates sociológicos acerca da mudança social na vida familiar e íntima, uma vez que são distintas as formas através das quais os indivíduos se relacionam e constroem as suas redes pessoais (Gouveia, 2014).

As redes sociais pessoais caracterizam-se pelas relações que compreendem não apenas a família nuclear ou extensa, mas também os vínculos interpessoais ampliados, tais como as relações de amizade, de estudo ou de trabalho, assim como as relações que são estabelecidas na comunidade. Estas podem traduzir-se num apoio diversificado: emocional, material ou financeiro e/ou suporte informativo (Sluzki, 1996).

As redes possuem características que podem ser compreendidas em termos da sua estrutura, funcionalidade ou pelos atributos dos vínculos (Barrón, 1996; Guadalupe, 2009; Sluzki, 1996). Relativamente à estrutura da rede, Sluzki (1996) definiu sete categorias, sendo elas: tamanho, composição/distribuição, dispersão, densidade, homo/heterogeneidade, tipo de funções e propriedades particulares de cada vínculo. O tamanho corresponde ao número de pessoas que constituem a rede, sendo apontando por Sluzki (1996), que quanto maior a dimensão da rede, menos eficaz é a ativação de suporte e maior é o risco de perda de responsabilidades. Porém, redes pequenas tendem a ser pouco eficazes em situações de sobrecarga. Ainda quanto ao tamanho, é expectável que o mesmo diminua ao longo do ciclo de vida. Uma outra característica da rede é a composição, ou seja, a distribuição dos elementos da rede por distintos campos relacionais (tais como, família, amigos, vizinhos, colegas de estudo e de trabalho). Redes muito concentradas num determinado campo relacional tendem a ser menos efetivas e flexíveis, na medida em que apresentam menos opções para os seus membros comparativamente às que se alargam aos diferentes quadrantes (Guadalupe, 2008). A dispersão implica a distância geográfica entre os elementos e condiciona a facilidade de acesso e/ou a existência de contactos efetivos da rede. A densidade é a interconexão entre os membros que compõem a rede, independentemente do sujeito central. As redes podem ser consideradas coesas, dispersas ou fragmentadas no que à densidade diz respeito (Guadalupe, 2009). Já a homogeneidade e a heterogeneidade da rede têm influência na construção e organização da identidade do sujeito.

Em cada rede social estão disponíveis uma multiplicidade de funções de acordo com Sluzki (1996): 1) companhia social - traduz-se pela concretização de atividades conjuntas; 2) apoio emocional – manifestado pela existência de relações de intimidade e proximidade, através do afeto, da empatia, da pertença a grupos (Barrón, 1996), implicando o tipo de suporte existente nas relações de amizade íntimas e familiares (Sluzki, 1996); 3) guia cognitivo e aconselhamento – inclui a partilha de informações, tanto pessoais como sociais; 4) regulação social – função associada à promoção de comportamentos socialmente “ajustados”; 5) apoio informativo – acesso a informação sobre assuntos diversos e 6) acesso a novos contactos – facilitação de contactos de outras redes e pessoas.

Apesar de uma das principais funções da rede social ser o suporte, nem todas as redes se constituem como fontes de suporte (Penha, 1996; Zanini, Verolla-Moura, & Queiroz, 2009). Algumas podem assumir um papel nefasto e até mesmo destrutivo, como também ser inócuas ou neutras (Coimbra, 1990; Guadalupe, 2009). O suporte social pode revelar-se contínuo, tal como previsto nos relacionamentos duradouros, ou intermitente e de curto prazo, como por exemplo em situações agudas ou de crise (Proctor, Groza, & Rosenthal, 2014).

Já a dimensão contextual relativa às propriedades do vínculo/relação segundo Sluzki (1996) podem

apresentar as seguintes características: 1) multidimensionalidade ou versatilidade, que se traduz pela quantidade de funções que são concretizadas; 2) a reciprocidade – podendo ser simétrica ou assimétrica quanto às funções assumidas; 3) a intensidade ou o compromisso da relação, que corresponde ao grau de intimidade entre os elementos da rede; 4) a frequência de contactos e 5) a história da relação.

A construção da rede social pessoal de um indivíduo inicia-se no momento de diferenciação entre o sujeito (*self*) e o outro, no contexto da díade constituída com a mãe (Sluzki, 1996). Nos seus primórdios é constituída somente pelos progenitores ou cuidadores e, caso existam, também pelos irmãos (Carter & McGoldrick, 2005; Sluzki, 1996). Ao longo do desenvolvimento, a rede vai sofrendo modificações, não somente em tamanho, como também na composição e qualidade dos apoios que fornece (Meléndez-Moral, Tomás-Miguel, & Navarro-Pardo, 2007; Sluzki, 1996).

Sluzki (1996) concebeu um mapa da rede, evolutivo, que evidencia os marcos desenvolvimentais que poderão conduzir a uma ampliação ou contração da rede ao longo do ciclo vital. O primeiro momento mencionado traduz a expansão relacional que acontece na infância, com a entrada para o ensino pré-escolar, onde se criam laços sociais significativos (e.g. grupo de iguais, educadoras/auxiliares). No entanto, deve notar-se que a possibilidade de ampliação das redes sociais das crianças, neste primeiro estágio desenvolvimental, depende em grande parte das escolhas que as suas figuras parentais fazem (Meléndez-Moral et al., 2007). Num momento posterior, já com a entrada no ensino básico, iniciam-se as relações no quadrante escola, que aumenta de importância com o avanço noutras etapas de ensino (tais como, a entrada para o ensino secundário e superior). A adolescência é também uma etapa significativa de alargamento da rede, constituindo uma fase na qual é necessário um movimento de maior abertura/ flexibilidade no que respeita aos limites familiares, de maneira a que seja permitido e facilitado o processo de autonomização do adolescente (Carter & McGoldrick, 2005). Assim sendo, o adolescente estabelece amizades mais significativas e profundas com o seu grupo de iguais, dando origem a novas relações noutras grupos sociais, para além da família (Meléndez-Moral et al., 2007).

A transição da juventude para a idade adulta implica, uma vez mais, transformações marcantes na estrutura e funcionalidade da rede, sendo necessária a adoção de novos papéis familiares, profissionais e sociais, o que envolve novas tarefas (Meléndez-Moral et al., 2007). Num período marcado pelo afastamento familiar e das relações interpessoais estabelecidas na infância e adolescência, os jovens estudantes adultos procuram o suporte de pessoas que possam ajudá-los neste período de novas experiências, destacando-se, nesta etapa, os colegas de curso, que vivenciam desafios semelhantes (Teixeira, Dias, Wottrich, & Oliveira, 2008). Nesta fase do ciclo de vida emergem ainda as relações profissionais que também se assumem como fonte de suporte.

Com a transição para o ensino superior, os jovens tendem a aumentar a sua rede, e, naturalmente, a percepção do suporte social. Estes fatores são relevantes na forma como irão lidar com situações de stresse, ansiedade e solidão. A família e o grupo de pares constam nas principais de suporte, possibilitando a melhor adaptação do estudante ao ensino superior (Pinheiro, 2003). O mesmo foi constatado na investigação desenvolvida por Ferreira (2012), na qual se concluiu que o ingresso para o ensino universitário é impulsionador do alargamento da rede de suporte, pois 42,1% dos inquiridos referiu aumento no número de elementos da rede. Também a reciprocidade de apoio foi avaliada como elevada, uma vez que os participantes revelaram dar apoio à maior parte dos membros da sua rede. No que respeita à composição, as redes dos universitários são constituídas, maioritariamente, por relações de amizade, familiares, de estudo, de trabalho, de vizinhança e, por último, relações institucionais.

Branco, Wagner e Demarchi, (2008) no Brasil, analisaram as características da rede social de 5 adolescentes (que cumprem a medida de ICPAE - Interno Com a Possibilidade de Atividade Externa) e a percepção destes jovens acerca do funcionamento das suas famílias. Recorreram ao *Mapa da Rede Social* e à *Escala de Avaliação Global do Funcionamento Interacional* (GARF). Concluíram que nenhum dos cinco adolescentes inquiridos preencheu os quadrantes do trabalho e da escola. Dos cinco jovens, três preencheram somente os quadrantes família e amigos, sublinhando-se a relevância da família, que ocupou de 14 a 50% dos mapas da Rede Social. Relativamente ao funcionamento familiar, as pontuações obtidas foram baixas. Os adolescentes destacaram a dificuldade em partilharem com a sua família as suas fragilidades, assim como em solicitar ajuda.

A investigação aponta para a importância da família, particularmente, o modo como a mesma atua e se adapta às exigências individuais e sociais envolvidas no processo de transição e adaptação dos jovens ao ensino superior (Seco et al., 2007). Também tem sido sublinhado o papel das redes sociais no desenvolvimento de crianças e jovens, em particular as funções protetivas que as redes assumem (Alves, 2007; Martín & Dávila, 2008; Penha, 1996). Porém, a investigação realizada nesta área, cruzando a rede social e o funcionamento familiar em jovens é ainda escassa. Este estudo pretende explorar a percepção que os estudantes universitários têm acerca do funcionamento das suas famílias, caracterizar a sua rede social pessoal, bem como analisar as relações entre as duas.

Materiais e Métodos

Objetivos e Tipo de Estudo

Definiram-se como objetivos específicos deste trabalho os seguintes:

- 1) Estudar de que forma a percepção do funcionamento familiar, particularmente, a coesão, a adaptabilidade, a comunicação e a satisfação familiares, de estudantes de ensino superior varia em

função das variáveis sociodemográficas, do ano de escolaridade e do curso que frequentam.

2) Estudar de que forma a perceção do funcionamento familiar se altera em função da situação residencial dos estudantes de ensino superior.

3) Estudar de que forma a perceção do funcionamento familiar varia em função das diferentes configurações familiares.

4) Estudar as particularidades das redes sociais pessoais de estudantes de ensino superior nos níveis estrutural, funcional e relacional-contextual.

5) Analisar de que forma se relacionam as características da rede social pessoal e o funcionamento familiar dos jovens universitários.

É um estudo quantitativo, de natureza transversal, com um desenho descritivo, inferencial e correlacional. Trata-se de um estudo correlacional uma vez que apresenta como objetivo central “avaliar a relação entre dois ou mais conceitos, categorias ou variáveis” (Sampieri, Collado, & Lucio, 2006, p.103), com vista a descrever essas mesmas relações (Fortin, 1999).

Participantes

Participaram neste estudo 247 estudantes do ensino superior a frequentarem o Instituto Superior Miguel Torga (ISMT) em Coimbra, Portugal.

Foram definidos como critérios de inclusão frequentarem um curso universitário no ensino superior em Portugal Continental e darem o seu consentimento informado. Foram estabelecidos como critérios de exclusão, sujeitos que recusassem a participação no momento da avaliação ($n = 1$), bem como indivíduos que não preenchessem a totalidade dos itens presentes nas escalas administradas ($n = 7$). Ainda que tenham sido recolhidos dados de 255 indivíduos, após a análise destes critérios, a amostra final ficou composta por 247 sujeitos.

Dos 247 participantes, 71 (28,74%) são do sexo masculino e 176 (71,26%) do sexo feminino e 183 (74,09%) têm entre 17 e 22 anos, 231 são solteiros (93,52%) e 16 (6,48%) são casados ou estão numa união de facto. Encontram-se a frequentar os seguintes cursos superiores: Multimédia - 23 alunos (9,31%), Gestão de Recursos Humanos - 14 alunos (5,67%), Gestão - 51 alunos (20,65%), Comunicação Empresarial - 24 alunos (9,72%), Jornalismo - 15 alunos (6,07%), Serviço Social - 9 alunos (3,64%) e Psicologia - 111 alunos (44,94%). Quanto ao ano curricular frequentado, 108 estudantes encontram-se no 1º ano (43,72%), 68 no 2º ano (27,53%), 42 no 3º ano (17,00%), 17 no 4º ano (6,88%) e 12 no 5º ano curricular (4,86%).

A Tabela 1 apresenta as características sociodemográficas dos participantes.

Tabela 1*Caracterização Sociodemográfica dos Participantes (N = 247)*

		<i>n</i>	%
Sexo	Masculino	71	28,74
	Feminino	176	71,26
Idade (<i>M</i> = 21,98; <i>DP</i> = 5,26; <i>Min</i> = 17; <i>Máx</i> = 55)	17-22	183	74,09
	23-28	50	20,24
	≥ 29	14	5,67
Estado Civil	Solteiro	231	93,52
	Casado/União de Facto	16	6,48
Curso	Multimédia	23	9,31
	Gestão de Recursos Humanos	14	5,67
	Gestão	51	20,65
	Comunicação Empresarial	24	9,72
	Jornalismo	15	6,07
	Serviço Social	9	3,64
	Psicologia	111	44,94
Ano	1º Ano	108	43,72
	2º Ano	68	27,53
	3º Ano	42	17,00
	4º Ano	17	6,88
	5º Ano	12	4,86

Nota. *N* = amostra total; *n* = frequência; % = percentagem de participantes; *M* = Média; *DP* = Desvio Padrão; *Min* = Mínimo; *Máx* = Máximo.

Procedimentos

O processo de recolha de dados foi efetuado presencialmente, em contexto de sala de aula, tendo sido os dados recolhidos entre os meses de março e abril de 2018.

Foi solicitado parecer à Comissão de Ética do ISMT relativo ao desenvolvimento deste estudo e após a sua aprovação solicitou-se à coordenação de cada curso colaboração para a administração do protocolo em contexto de sala de aula.

De acordo com as exigências éticas de uma investigação está garantido o carácter voluntário, anónimo e a possibilidade de desistência da investigação no consentimento informado. Os participantes foram ainda informados acerca da natureza do estudo e dos objetivos a ele subjacentes, tendo sido assegurada a utilização dos dados apenas para os fins de investigação deste estudo (Apêndice A).

Os instrumentos foram aplicados individualmente, em sala de aula, sendo que a sua administração teve a duração de 20 a 30 minutos.

Instrumentos

O protocolo de investigação é constituído por: 1) questionário sociodemográfico e de dados complementares (Apêndice B); 2) *Escala de Avaliação da Adaptabilidade e da Coesão Familiar versão IV (FACES IV)* (Sequeira, Cerveira, Silva, Neves, Vicente, Espírito-Santo, & Guadalupe, 2015) (Anexo I); 3) Instrumento de Análise da Rede Social Pessoal (IARSP) (Guadalupe, 2012) (Anexo II).

Questionário sociodemográfico e de dados complementares. Este questionário foi construído e aplicado com o propósito de conhecer as variáveis sociodemográficas relativas a cada participante (e.g., idade, sexo, estado

civil), bem como os seus contextos familiar (e.g. composição do agregado familiar, tipologia da família) e escolar (e.g. curso, ano de escolaridade, reprovações) e a situação residencial em que se encontram (deslocados e não-deslocados, frequência com que se deslocam à residência de origem e a que distância se encontram da mesma).

Escala de Avaliação da Adaptabilidade e da Coesão Familiar versão IV (FACES IV). A FACES IV é um instrumento de avaliação que foi desenvolvido por Olson, Gorall e Tiesel, em 2004, partindo do Modelo Circumplexo proposto por Olson, que apresenta como principal objetivo a avaliação da perceção do funcionamento familiar em duas dimensões: coesão e adaptabilidade (Olson, 2011).

A escala é constituída por seis subescalas, entre as quais: duas escalas equilibradas (coesão e flexibilidade), que já constavam nas versões anteriores do instrumento, e quatro novas subescalas desequilibradas (emaranhada e desmembrada, no que se refere à coesão; e caótica e rígida, no que se refere à flexibilidade). Inclui, ainda, duas outras subescalas que pretendem avaliar a satisfação e a comunicação familiares (Olson, 2011).

No seu conjunto, a escala é composta por 62 itens, organizados por subescalas: 1) Coesão Equilibrada - itens 1, 7, 13, 19, 25, 31 e 37; 2) Flexibilidade Equilibrada - itens 2, 8, 14, 20, 26, 32 e 38; 3) Desmembrada - itens 3, 9, 15, 21, 27, 33 e 39; 4) Emaranhada - itens 4, 10, 16, 22, 28, 34 e 40; 5) Rígida - itens 5, 11, 17, 23, 29, 35 e 41; 6) Caótica - itens 6, 12, 18, 24, 30, 36 e 42; 7) Comunicação – itens do 43 ao 52, inclusive; 8) Satisfação - itens do 53 ao 62, inclusive.

Resultados baixos nas subescalas equilibradas associam-se a um funcionamento familiar problemático e pontuações elevadas a um funcionamento familiar saudável. Inversamente, nas subescalas desequilibradas, os resultados baixos evidenciam um funcionamento familiar saudável e os elevados um funcionamento familiar problemático. Pontuações elevadas na subescala da comunicação traduzem a perceção de uma boa comunicação familiar e na subescala da satisfação, mais satisfeitos os indivíduos se encontram com a sua família (Sequeira et al., 2015).

Na Tabela 2 apresentam-se os valores do alfa de Cronbach obtidos em cada subescala nesta investigação, assim como na validação da FACES IV original (Olson, 2011) e na sua validação para a população portuguesa (Silva, 2015).

Tabela 2

Consistência interna da FACES-IV

Subescalas	Alfa de Cronbach	Alfa de Cronbach (Silva, 2015)	Alfa de Cronbach (Olson, 2011)	
Equilibradas	Coesão	0,771	0,77	0,89
	Flexibilidade	0,709	0,64	0,84
Desequilibradas	Desmembrada	0,750	0,74	0,87
	Emaranhada	0,405	0,47	0,77
	Rígida	0,612	0,65	0,82
	Caótica	0,740	0,73	0,86
Comunicação		0,917	0,90	
Satisfação		0,941	0,94	0,93
Total		0,838	0,81	

Relativamente à cotação da escala, após a realização dos somatórios das subescalas, os resultados brutos devem ser convertidos em percentis (Anexo III). Esses resultados percentuais podem ser colocados numa folha de perfil (Silva, 2015). O perfil permite não apenas uma visão global da família através da identificação das dimensões mais saudáveis ou mais problemáticas, como também enquadrá-la nas 6 tipologias familiares encontradas por Olson e Gorall (2006), tal como apresentamos na figura abaixo (Figura 1): famílias equilibradas, rigidamente coesas, médias, flexivelmente desequilibradas, caoticamente desmembradas e desequilibradas.

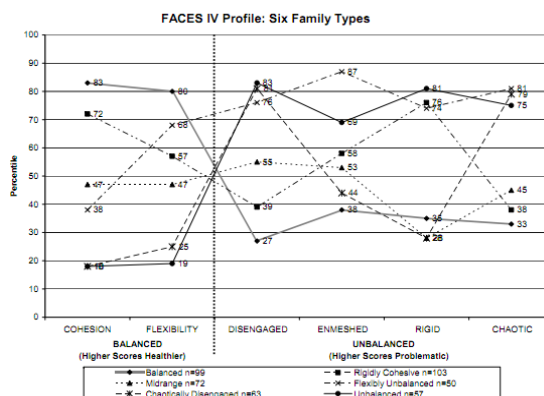


Figura 1. Folha de perfil representativa das 6 tipologias familiares.

De acordo com Olson e Gorall (2006), as 6 tipologias familiares ou os 6 *clusters* definiram-se da seguinte forma:

Cluster 1. Equilibradas (Balanced): Estas famílias são caracterizadas por resultados mais altos nas subescalas equilibradas e mais baixos nas subescalas desequilibradas. Esta combinação de resultados traduz uma tipologia familiar com altos níveis de funcionalidade e baixos níveis de disfuncionalidade. Este tipo de famílias irá, à partida, saber ajustar-se aos desafios, promovendo a mudança ao longo do tempo, sendo baixa a probabilidade de necessitar de uma intervenção terapêutica.

Cluster 2. Rigidamente Coesa (Rigidly Cohesive): Estas famílias caracterizam-se por pontuações altas na subescala Coesão e Coesão Rígida. Os resultados apresentam-se moderados na subescala Emaranhada e baixos nas subescalas Desmembrada e Caótica. Esta tipologia familiar caracteriza-se por grande proximidade emocional e rigidez. Ainda que se preveja um adequado funcionamento familiar devido ao seu grau de proximidade, pode apresentar dificuldade na promoção de mudanças face aos desafios normativos do seu desenvolvimento dada a rigidez estrutural que a caracteriza.

Cluster 3. Médias (Midrange): Estas famílias são caracterizadas por resultados medianos nas várias subescalas, excetuando na subescala Rígida, na qual a pontuação pode ser extrema e oposta (resultados muito elevados ou muito baixos). Na globalidade, esta tipologia familiar caracteriza-se como tendo um

funcionamento ajustado, embora possa em momentos, caso se encontre nos extremos, apresentar dificuldades de ajustamento.

Cluster 4. Flexivelmente Desequilibradas (Flexibly Unbalanced): Estas famílias caracterizam-se por pontuações elevadas em todas as subescalas, excetuando na Coesão que apresenta resultados moderados a baixos. A combinação dos resultados altos nas subescalas desequilibradas com os resultados moderados a baixos na Coesão podem ser indicativas de um funcionamento problemático. Todavia, as pontuações elevadas apresentadas na Flexibilidade, podem significar que estas famílias tem a capacidade de modificar as áreas menos funcionais. Os autores consideram estas famílias de difícil descrição.

Cluster 5. Caoticamente Desmembrada (Chaotically Disengaged): Estas famílias são caracterizadas por resultados baixos nas subescalas Emaranhada e Rígida e altos nas subescalas Caótica e Desmembrada. Prevê-se que esta tipologia familiar apresente problemas ao nível da coesão pelo afastamento relacional entre os membros e o excesso de flexibilidade.

Cluster 6. Desequilibradas (Unbalanced): Estas famílias caracterizam-se por pontuações elevadas nas 4 subescalas desequilibradas e pontuações baixas nas 2 subescalas equilibradas, constando no oposto das famílias equilibradas. Estas famílias apresentam-se como as mais problemáticas, na globalidade do seu funcionamento, e têm uma grande probabilidade de necessitarem de acompanhamento terapêutico.

A fim de avaliar o grau de equilíbrio ou desequilíbrio das famílias, nas dimensões da coesão e flexibilidade familiares, Olson e Gorall (2006) desenvolveram três rácios: o da Coesão Equilibrada, da Flexibilidade Equilibrada e o rácio Total. A figura 2 apresenta as fórmulas para o cálculo dos mesmos.

Coesão Equilibrada	$\frac{\text{Coesão Equilibrada}}{[(\text{Emaranhada} + \text{Desmembrada})/2]}$
Flexibilidade Equilibrada	$\frac{\text{Flexibilidade Equilibrada}}{[(\text{Caótica} + \text{Rígida})/2]}$
Total	$\frac{[(\text{Coesão Equilibrada} + \text{Flexibilidade Equilibrada})/2]}{[(\text{Emaranhada} + \text{Desmembrada} + \text{Caótica} + \text{Rígida})/4]}$

Figura 2. Cálculo dos Rácios da FACES-IV.

Posteriormente ao cálculo dos rácios, procede-se à interpretação das pontuações obtidas. Quanto mais elevado for o rácio, acima do valor de 1, maior é o equilíbrio familiar. Quanto mais baixo for o rácio abaixo do valor de 1, maior é o desequilíbrio familiar (Olson, 2010).

Instrumento de Análise da Rede Social Pessoal (IARSP). O IARSP foi desenvolvido por Guadalupe, em 2012. Trata-se de um questionário descritivo e multidimensional que sistematiza informação acerca da rede social pessoal do indivíduo, permitindo a caracterização da rede relativamente a determinadas variáveis

das suas dimensões estrutural, funcional e relacional-contextual (Guadalupe, 2009). Pode ser preenchido pelo investigador, que coloca as questões e assinala as respostas, e também pelo participante - autopreenchimento.

Gerador de rede. O gerador de rede consiste na questão inicial que delimita os membros que o indivíduo elege na sua rede. Uma vez que pretendíamos caracterizar a rede social pessoal de estudantes de ensino superior, o gerador de rede utilizado foi: “refira o nome das pessoas com que se relaciona, são significativas na sua vida e o/a apoiam?”. Note-se que a fim da preservação da confidencialidade e de encorajar a honestidade nas respostas, o tipo de identificação dos membros da rede é definido pelo inquirido. O sujeito central pode optar por mencionar o primeiro nome, as iniciais ou a alcunha dos elementos a serem referenciados.

Posteriormente ao gerador de rede, apresentámos uma questão acerca do vínculo relacional estabelecido entre o sujeito central e cada um dos elementos por si enunciados para a sua rede, na qual optámos por limitar os campos relacionais a cinco (relações familiares, de amizade, de vizinhança, de estudo e de trabalho), visto que apenas pretendíamos avaliar a rede de suporte informal; como também uma questão sobre a idade de cada membro por grupo etário (<18; 18-25; 26-64; ≥ 65). Na dimensão estrutural caracterizámos o tamanho da rede; a composição da rede, através do número de campos relacionais, do tamanho e da proporção percentual dos campos relacionais na rede; bem como, a densidade, através da questão “todas as pessoas da sua rede se reconheceriam mutuamente caso se encontrassem na rua?”, esta respondida na matriz de densidade anexa ao instrumento (Anexo 3). Na dimensão funcional avaliámos o nível de suporte percebido através de uma escala de *Likert* de 5 pontos (1. “Nenhum”; 2. “Pouco”; 3. “Moderado”; 4. “Muito”; 5. “Muitíssimo”) no que respeita aos níveis emocional, material e instrumental, informativo e no acesso a novos contactos; e a reciprocidade de apoio, que foi estimada através de 4 níveis (1. “Não dá apoio a nenhuma destas pessoas”; 2. “Dá apoio a poucas destas pessoas”, 3. “Dá apoio a algumas destas pessoas” e 4. “dá apoio à maior parte destas pessoas”). Relativamente à dimensão relacional-contextual avaliámos a frequência de contactos, que poderia ser cotada de 1 a 5 (1. “Diariamente”; 2. “Algumas vezes por semana”; 3. “Semanalmente”; 4. “Algumas vezes por mês”; 5. “Algumas vezes por ano”); a dispersão geográfica, numa escala de 5 pontos (1. “Na mesma casa”; 2. “No mesmo bairro/rua”; 3. “Na mesma localidade”; 4. “Até 50 Km”; 5. “A mais de 50 Km”); e a durabilidade da relação com indicação do tempo que conhecia ou mantinha um relacionamento com cada membro (em anos). Introduziram-se algumas questões complementares sobre a mudança no tamanho da rede, isto é, o número de elementos com quem o respondente se relaciona desde o ingresso para o ensino superior (1. “É muito maior do que antes”; 2. “É maior do que antes”; 3. “É aproximadamente o mesmo”; 4. “É menor do que antes”; 5. “É muito menor do que antes”) e uma outra acerca de cortes relacionais (se existiram ou não; com quem cortaram relações; por

que motivo).

Cotação. Não se tratando de um constructo unidimensional nem utilizando uma escala singular de respostas, requer um processo de cotação intermédia, tal como indicam Alarcão e Sousa (2007), apresentando determinadas limitações no tratamento estatístico de algumas variáveis. Porém, é de salientar que a sistematização de informação que proporciona acerca das redes sociais e o nível de adequação que tem evidenciado permitem assegurar a sua pertinência.

Análise estatística

Para o tratamento e a análise estatística dos dados obtidos recorremos ao programa informático *Statistical Package for Social Sciences* (IBM SPSS Statistics, versão 25.0 para *Macintosh*, SPSS, 2017). Os procedimentos estatísticos foram definidos de acordo com os objetivos e com o tipo de variáveis em causa.

Numa primeira fase, procedemos à análise exploratória de dados, incidindo sobre as frequências absoluta (n) e relativa (%) para as variáveis qualitativas, sobre a média (M), o desvio-padrão (DP) e os valores mínimo e máximo para as variáveis quantitativas.

Para analisar a normalidade das variáveis em estudo recorreu-se ao teste de Shapiro-Wilk, concluindo-se pela não normalidade das variáveis. Deste modo, optou-se pela utilização da estatística não-paramétrica: *Teste U de Mann-Whitney* a fim da comparação de dois grupos de variáveis e *Teste de Kruskal-Wallis* a fim da comparação de três ou mais grupos de variáveis.

Procedemos, ainda, a uma análise multivariada de aglomeração, agrupamentos ou de *clusters*, através do método de agrupamento não hierárquico denominado por *K-means*. Foram realizadas algumas análises preliminares para determinar o número de *clusters* que permitisse uma maior diferenciação com interpretação pertinente e coerente, através do método indutivo. Neste sentido, definiram-se 2 *clusters*. Na análise foram incluídas as variáveis contínuas e discretas das dimensões estrutural, funcional e relacional-contextual das redes consideradas relevantes para a análise.

O estudo da correlação foi efetuado pelo coeficiente de Spearman (variáveis com distribuição não normal). Na avaliação da magnitude das correlações, optaram-se pelos critérios de Pallant (2011): Baixa ($r = 0,10$ a $0,29$); Moderada ($r = 0,30$ a $0,49$); Elevada ($r = 0,50$ a 1).

Resultados

Caracterização da situação académica dos participantes

No que respeita à situação académica dos participantes (Tabela 3), 223 dos estudantes (90,28%) encontram-se a frequentar a sua primeira formação superior, enquanto que para 24 dos estudantes (9,72%) o curso frequentado trata-se de uma formação posterior. Quanto ao aproveitamento académico, 237 alunos

(95,55%) não são repetentes e 10 alunos (4,05%) são repetentes. Relativamente à idade com que ingressaram no curso, verificámos que a maioria dos participantes (89,88%) ingressou entre os 17 e os 22 anos. Dos 247 inquiridos, apenas 47 (19,03%) trabalham e estudam em simultâneo. Como principal meio de vida, 202 estudantes (81,78%) dependem economicamente da sua família, sendo que apenas 33 dos participantes (13,36%) têm bolsa de estudo.

A Tabela 3 sumaria os resultados obtidos em relação à caracterização da situação académica dos participantes.

Tabela 3

Caracterização da Situação Académica (N = 247)

		<i>n</i>	%
Licenciatura/Mestrado	Primeira formação superior	223	90,28
	Formação posterior	24	9,72
Reprovações	Sim	10	4,05
	Não	237	95,95
Idade de ingresso no curso (<i>M</i> = 20,19; <i>DP</i> = 4,843; <i>Min</i> = 17; <i>Máx</i> = 54)	17-22	222	89,88
	23-28	13	5,26
	≥ 29	12	4,86
Trabalhador-Estudante	Sim	47	19,03
	Não	200	80,97
Principal meio de vida	A cargo da família	202	81,78
	Rendimento do Trabalho	41	16,60
	Rendimentos Propriedade/empresa	4	1,62
Bolsa de estudo	Sim	33	13,36
	Não	214	86,64

Nota. *N* = amostra total; *n* = frequência; % = percentagem de participantes; *M* = Média; *DP* = Desvio Padrão; *Min* = Mínimo; *Máx* = Máximo.

Caracterização da situação residencial dos participantes

De acordo com a Tabela 4, constatamos que durante a maior parte da semana, 120 estudantes habitam com a sua família de origem/nuclear (48,58%), 52 com outros estudantes (21,05%), 23 sozinhos (9,31%), 21 com outros familiares ou amigos da família (8,50%), 20 com amigos (8,10%) e 11 com a família por si constituída (4,45%). Dos 247 participantes, 122 dos estudantes encontram-se deslocados da sua residência de origem (50,61%). Destes 122, 81 deslocam-se semanalmente à sua residência de origem (66,39%). Quanto à distância a que se encontram, 76 estudantes (62,30%), ainda que residam no mesmo país que a sua família, habitam em distritos diferentes. A maior parte dos estudantes encontram-se a mais de 50 Km (36,03%) da residência da família.

A Tabela 4 sintetiza a situação residencial dos participantes.

Tabela 4
Caracterização da Situação Residencial (N = 247)

		<i>n</i>	%
Vivência semanal	Só	23	9,31
	Com a família de origem	120	48,58
	Com a família nuclear	11	4,45
	Com outros familiares ou amigos da família	21	8,50
	Com amigos	20	8,10
	Com estudantes	52	21,05
Deslocação face à residência de origem	Deslocados	122	49,39
	Não-deslocados	125	50,61
Frequência de deslocação à residência de origem	Mais do que uma vez por semana	5	4,10
	Semanalmente	81	66,39
	Quinzenalmente	16	13,11
	Mensalmente	5	4,10
	Algumas vezes por ano	15	12,30
Distância em relação à residência da família	No mesmo país – Concelhos distintos	30	24,59
	No mesmo país – Distritos distintos	76	62,30
	Noutro país	16	13,11
Distância - Residência de origem e estabelecimento de ensino	Menos de 5 Km	17	6,88
	Entre 5 a 25 Km	68	27,53
	Entre 26 a 50 Km	73	29,55
	Mais de 50 Km	89	36,03

Nota. N = amostra total; n = frequência; % = percentagem de participantes. *No que respeita à frequência de deslocação à residência de origem e à distância em relação à residência da família apenas estão implicados para estas análises os estudantes que se encontram deslocados (n = 122).*

Caracterização do agregado familiar dos participantes

Como se pode observar na Tabela 5, 106 estudantes têm famílias constituídas por 3 elementos (42,91%) e 81 famílias com 4 elementos (32,80%). Duzentos e treze alunos (86,23%) fazem parte de famílias com duas gerações distintas. Quanto à configuração familiar, constata-se que 161 famílias são nucleares intactas (65,18%) e 40 são monoparentais (16,19%). No que se refere à etapa do ciclo vital, 236 das famílias dos inquiridos encontram-se na etapa “família com filhos adultos” (95,55%), 4 (1,62%) na “família com filhos pequenos”, 3 (1,21%) na “formação de casal”, 3 (1,21%) na “família com filhos na escola” e uma (0,40%) na “família com filhos adolescentes”. A maioria dos participantes (95,55%) responderam ao estudo com base nas vivências com a sua família nuclear/ origem, na qual desempenham o papel de filhos, porém 11 deles (4,45%) responderam tendo em conta a família que então constituíram, na qual exercem a função de esposo(a).

Tabela 5
Caracterização do Agregado Familiar (N = 247)

Variável		<i>n</i>	% <i>válida</i>
Número de elementos	2	19	7,70
	3	106	42,91
	4	81	32,80
	5	27	10,93
	6	10	4,05
	7	3	1,21
	9	1	0,40
Número de gerações	1	4	1,62
	2	213	86,23
	3	29	11,74
	4	1	0,40
Família	Origem	236	95,55
	Nuclear	11	4,45
Configuração familiar	Família nuclear intacta	161	65,18
	Família nuclear alargada	30	12,15
	Família monoparental	40	16,20
	Família reconstituída	13	5,26
	Casal sem filhos	3	1,21
Etapa do ciclo vital	Formação do casal	3	1,21
	Família com filhos pequenos	4	1,62
	Família com filhos na escola	3	1,21
	Família com filhos adolescentes	1	0,40
	Família com filhos adultos	236	95,55

Nota. *n* = número de sujeitos; % = percentagem de participantes.

Perceção do funcionamento familiar

Analisando os resultados obtidos nas subescalas equilibradas da FACES-IV (Tabela 6), verificam-se na subescala da Coesão, tendo em conta que o intervalo da mesma varia entre 10 e 99, resultados elevados ($M = 61,75$), tendo a maioria dos participantes a perceção de que a sua família é muito coesa (52,6%). No que se refere à subescala da Flexibilidade, 66,4% dos inquiridos percecionam a família como muito flexível e 31,6% como flexível ($M = 68,26$), tal como descrito na Tabela 6.

Tabela 6
Resultados das Subescalas Equilibradas da FACES-IV

Subescalas	Nível	<i>n</i> (% <i>válida</i>)	<i>M</i>	<i>DP</i>	Intervalo
Coesão Equilibrada	Algo coesa [10-30]	36 (14,6%)	61,75	23,28	10 – 99
	Coesa [35-60]	81 (32,8%)			
	Muito coesa [65-99]	130 (52,6%)			
	Total	247 (100,0%)			
Flexibilidade Equilibrada	Algo flexível [10-20]	5 (2,0%)	68,26	19,34	10 – 99
	Flexível [25-60]	78 (31,6%)			
	Muito flexível [65-99]	164 (66,4%)			
	Total	247 (100,0%)			

Nota. *n* = número de sujeitos; % = percentagem de participantes; *M* = Média; *DP* = Desvio Padrão.

Nas subescalas Desequilibradas, pode observar-se na Tabela 7, que na generalidade as pontuações obtidas são muito baixas ou baixas, correspondendo, assim, a uma perceção do funcionamento familiar

como saudável. Relativamente à subescala desmembrada, 176 participantes percebem níveis muito baixos de desmembramento (71,3%; $M = 24,21$). Na subescala emaranhada, 150 participantes apresentam pontuações baixas (60,7%; $M = 37,25$), o que traduz percepção de pouco emaranhamento nas suas famílias. No que respeita à subescala rígida verifica-se que 128 dos participantes percebem baixos níveis de rigidez na sua família (51,8%; $M = 37,36$). Quanto à subescala caótica, 177 dos participantes percebem níveis muito baixos de funcionamento caótico (71,7%; $M = 23,74$). No entanto, é de salientar que 1 participante considera a sua família como muito desmembrada (0,4%), outro como rígida (0,4%) e outro como caótica (0,4%).

A Tabela 7 sintetiza os resultados obtidos nas subescalas Desequilibradas da FACES-IV.

Tabela 7
Resultados das Subescalas Desequilibradas da FACES-IV

Subescalas	Nível	<i>n</i> (% válida)	<i>M</i>	<i>DP</i>	Intervalo
Desmembrada	Muito baixo [10-26]	176 (71,3%)	24,21	11,84	10-80
	Baixo [30-40]	52 (21,1%)			
	Moderado [45-60]	15 (6,1%)			
	Alto [64-75]	3 (1,2%)			
	Muito alto [80-99]	1 (0,4%)			
	Total	247 (100,0%)			
Emaranhada	Muito baixo [10-26]	35 (14,2%)	37,25	10,69	16-75
	Baixo [30-40]	150 (60,7%)			
	Moderado [45-60]	54 (21,9%)			
	Alto [64-75]	8 (3,2%)			
	Muito alto [80-99]	0 (0%)			
	Total	247 (100,0%)			
Rígida	Muito baixo [10-26]	53 (21,5%)	37,36	13,04	14-80
	Baixo [30-40]	128 (51,8%)			
	Moderado [45-60]	50 (20,2%)			
	Alto [64-75]	15 (6,1%)			
	Muito alto [80-99]	1 (0,4%)			
	Total	247 (100,0%)			
Caótica	Muito baixo [10-26]	177 (71,7%)	23,74	11,20	10-90
	Baixo [30-40]	57 (23,1%)			
	Moderado [45-60]	9 (3,6%)			
	Alto [64-75]	3 (1,2%)			
	Muito alto [80-99]	1 (0,4%)			
	Total	247 (100,0%)			

Nota. *n* = número de sujeitos; % = percentagem de participantes; *M* = Média; *DP* = Desvio Padrão.

Nas subescalas da comunicação e da satisfação com a família da FACES-IV, podemos observar, na Tabela 8, que 183 dos participantes consideram a comunicação como sendo moderada nas suas famílias (74,1%; $M = 38,39$). Em relação à subescala da satisfação, 165 participantes revelam-se pouco satisfeitos com a sua família (66,8%; $M = 28,23$).

Tabela 8*Comunicação e Satisfação Familiares*

Subescalas	Nível	<i>n</i> (% válida)	<i>M</i>	<i>DP</i>	Intervalo
Comunicação	Muito baixa [10-20]	4 (1,6%)	38,39	6,77	14 – 50
	Baixa [21-35]	60 (24,3%)			
	Moderada [36-60]	183 (74,1%)			
	Alta [61-85]	0 (0%)			
	Muito Alta [86-99]	0 (0%)			
	Total	247 (100,0%)			
Satisfação	Muito baixa [10-20]	41 (16,6%)	28,08	6,94	10 – 40
	Baixa [21-35]	165 (66,8%)			
	Moderada [36-60]	41 (16,6%)			
	Alta [61-85]	0 (0%)			
	Muito Alta [86-99]	0 (0%)			
	Total	247 (100,0%)			

Nota. *n*= número de sujeitos; %= percentagem de participantes; *M*= Média; *DP*= Desvio Padrão.

A Tabela 9 apresenta os resultados relativos aos rácios da Coesão, da Flexibilidade e Total. Duzentos e trinta e oito participantes (238) apresentam um rácio equilibrado na subescala da coesão ($M = 1,70$), 241 apresentam um rácio equilibrado na subescala da flexibilidade ($M = 1,62$) e 240 no rácio total ($M = 1,65$). É possível concluir, à semelhança dos resultados anteriores, que os estudantes universitários percecionam o funcionamento das suas famílias, maioritariamente, como equilibrado em todas as dimensões.

Tabela 9*Análise dos Rácios da Coesão, Flexibilidade e Total*

Subescalas	Nível	<i>n</i> (% válida)	<i>M</i>	<i>DP</i>	Intervalo
Coesão	Equilibrado	238 (96,4%)	1,70	0,38	1,00-2,75
	Desequilibrado	9 (3,6%)			0,60-0,97
	Total	247 (100,0%)			
Flexibilidade	Equilibrado	241 (97,6%)	1,62	0,41	1,00-3,77
	Desequilibrado	6 (2,4%)			0,59-0,96
	Total	247 (100,0%)			
Total	Equilibrado	240 (97,2%)	1,65	0,35	1,00-3,17
	Desequilibrado	7 (2,8%)			0,63-0,98
	Total	247 (100,0%)			

Nota. *n*= número de sujeitos; %= percentagem de participantes; *M*= Média; *DP*= Desvio Padrão.

A Figura 3 representa o resultado do *cluster* em que os participantes deste estudo se encontram, calculado através dos percentis médios em cada subescala, onde se pode verificar que se enquadram no *Cluster* 1: Famílias Equilibradas (Olson & Gorall, 2006).



Figura 3. Perfil dos participantes: Resultados das subescalas da FACES-IV.

De seguida, fomos analisar as diferenças nas pontuações da FACES-IV entre os grupos definidos pelas variáveis sociodemográficas. Somente as subescalas desequilibradas, particularmente a *Emaranhada* e a *Rígida* variaram de forma estatisticamente significativa ($p < 0,05$) em função do sexo, tendo sido os homens a apresentar resultados mais altos, ou seja, a perceberem a família como mais emaranhada e rígida. Também na subescala da *Flexibilidade*, foram encontradas diferenças estatisticamente significativas ($p < 0,05$) em função da idade dos estudantes, na medida em que os participantes com 29 ou mais anos percebem a família como mais flexível. Ainda na subescala da *Flexibilidade* foram observadas diferenças significativas ($p < 0,05$) entre os grupos de estudantes com idades compreendidas entre os 17 e os 22 anos e os 23 a 28 anos com o grupo de estudantes com idades iguais ou superiores a 29 anos. Contudo, a análise do Tamanho do Efeito mostrou uma magnitude da diferença insignificante na comparação das várias subescalas da FACES-IV entre os grupos definidos pelas variáveis sociodemográficas (Cohen, 1988) (Apêndice C).

Fomos, também, estudar a relação entre a perceção dos estudantes acerca do funcionamento das suas famílias relativamente à situação residencial em que se encontram. Somente a subescala *Emaranhada* variou de forma estatisticamente significativa ($p < 0,05$) em função da frequência a que os estudantes se deslocam à sua residência de origem. Os estudantes que têm contactos plurisemanais e semanais apresentaram as pontuações mais elevadas. Ainda que se tenham constatado diferenças significativas ($p < 0,05$) entre os estudantes que se deslocam à residência da sua família semanalmente com os que se deslocam quinzenalmente; assim como entre os que se deslocam semanalmente, quinzenalmente e mensalmente com os que se deslocam apenas algumas vezes por ano, a análise do Tamanho do Efeito evidenciou uma magnitude da diferença insignificante na comparação das variáveis mencionadas (Cohen, 1988) (Apêndice D).

Posteriormente, fomos verificar as diferenças nas pontuações da FACES-IV entre as configurações familiares dos participantes, que podem ser observadas na Tabela 10. As subescalas equilibradas, *Coesão* e *Flexibilidade*, bem como a subescala desequilibrada *Emaranhada*, variaram de forma estatisticamente

significativa ($p < 0,05$) em função das diversas tipologias familiares. Os resultados mais altos são das famílias nuclear alargada e nuclear intacta no que se refere à *Coesão* e à *Flexibilidade*, e o casal sem filhos no que se refere à *Emaranhada*. À posteriori, partindo da análise de comparações múltiplas, verificámos diferenças estatisticamente significativas ($p < 0,05$), no que respeita à *Coesão* entre: i) a família nuclear intacta e a nuclear alargada; ii) entre a nuclear alargada e a monoparental e iii) entre a nuclear alargada e a reconstituída. Quanto à *Flexibilidade* observámos diferenças entre: i) a família nuclear intacta e a nuclear alargada; ii) entre a nuclear alargada e a monoparental e iii) entre a nuclear alargada e a reconstituída. Na subescala *Emaranhada* foram encontradas diferenças entre a família nuclear intacta e a nuclear alargada com a família reconstituída. No entanto, a análise do Tamanho do Efeito mostrou uma magnitude da diferença insignificante na comparação das variáveis referidas (Cohen, 1988).

Tabela 10

Comparação da Perceção do Funcionamento Familiar (FACES-IV) entre as Configurações Familiares (N = 247)

		FACES-IV											
		Subescalas Equilibradas						Subescalas Desequilibradas					
		Coesão		Flexibilidade		Desmembrada		Emaranhada		Rígida		Caótica	
		M	DP	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP
Tipologia Familiar	1	26,33	5,51	26,33	3,06	17,67	5,51	21,33	2,89	19,67	1,53	14,67	4,04
	2	28,23	3,64	26,53	3,71	14,27	3,91	19,59	2,78	19,28	3,57	14,60	3,95
	3	30,07	2,88	28,30	3,57	15,20	4,49	20,47	4,07	19,73	4,38	14,23	2,98
	4	27,92	4,19	24,62	5,77	15,65	4,54	19,33	3,37	19,72	4,09	14,18	4,57
	5	26,38	3,25	26,33	3,06	15,38	4,03	17,54	2,47	18,77	4,05	16,00	4,92
<i>Kruskal-Hallis (H)</i>		(10,624 [*])		(9,844 [*])		(5,651 ^{NS})		(10,834 [*])		(0,903 ^{NS})		(1,862 ^{NS})	
Comparação múltipla de médias de ordens		1vs2	-	1vs2	-	1vs2	-	1vs2	-	1vs2	-	1vs2	-
		1vs3	-	1vs3	-	1vs3	-	1vs3	-	1vs3	-	1vs3	-
		1vs4	-	1vs4	-	1vs4	-	1vs4	-	1vs4	-	1vs4	-
		1vs5	-	1vs5	-	1vs5	-	1vs5	-	1vs5	-	1vs5	-
		2vs3	*	2vs3	*	2vs3	-	2vs3	-	2vs3	-	2vs3	-
		2vs4	-	2vs4	-	2vs4	-	2vs4	-	2vs4	-	2vs4	-
		2vs5	-	2vs5	-	2vs5	-	2vs5	*	2vs5	*	2vs5	*
		3vs4	*	3vs4	**	3vs4	**	3vs4	-	3vs4	-	3vs4	-
3vs5	**	3vs5	*	3vs5	*	3vs5	*	3vs5	*	3vs5	*		
4vs5	-	4vs5	-	4vs5	-	4vs5	-	4vs5	-	4vs5	-		

Nota: N= amostra total; M=Média; DP=Desvio Padrão; H=H de Kruskal-Wallis; FACES-IV = Escala de Avaliação da Adaptabilidade e da Coesão Familiar versão IV; 1=Casal sem filhos; 2= Família nuclear intacta; 3= Família nuclear alargada; 4= Família monoparental; 5= Família reconstituída; * $p < 0,05$; ** $p < 0,01$; NS Não significativo.

Rede Social Pessoal

A apresentação das características da rede social encontra-se estruturada tendo em consideração a classificação proposta em trabalhos anteriores (Guadalupe, 2009) para as dimensões das redes: estrutural, funcional e relacional-contextual.

Características estruturais das redes sociais pessoais

As redes sociais dos estudantes de ensino superior têm em média 8 elementos ($M = 8,43$; $DP = 5,55$), verificando-se uma variação amostral entre os 2 e os 27 membros. Ainda que o tamanho médio se situe no 8,43, o número de membros da rede mais frequente entre os participantes encontra-se abaixo desse valor

($Mo = 7$).

No que se refere à composição da rede, os elementos que, em média, constituem as redes dos participantes são sobretudo familiares ($M = 4,74$; $DP = 2,58$) e amigos ($M = 3,53$; $DP = 3,33$). Os membros dos outros três campos relacionais considerados, isto é, as relações de vizinhança, de estudo e de trabalho, representam um menor número em expressão numérica média. Salienta-se, assim, a homogeneidade do ponto de vista relacional, uma vez que a maioria das redes dos estudantes apresenta membros da família e de amizade.

O domínio das relações familiares e de amizade é comprovado na análise da distribuição ou da proporção ocupada por cada um dos domínios relacionais na rede, representada percentualmente. As redes dos estudantes universitários da amostra são ocupadas, em média, por 61,64% de membros com laços de parentesco e 36,65% de membros com laços de amizade com o sujeito central. Com um peso menos expressivo, seguem-se os laços de estudo, de trabalho e de vizinhança, representando, em média, 0,96%, 0,44% e 0,32% das redes, respetivamente.

A densidade média das redes dos participantes é muito elevada e indicativa de redes muito coesas ($M = 87,83$; $DP = 20,69$), apesar da variação entre 7,69% e 100% de densidade.

A Tabela 11 sintetiza os valores obtidos no que respeita às características estruturais das redes dos participantes do estudo.

Tabela 11

Características estruturais das redes sociais pessoais: medidas descritivas (N = 247)

	<i>M</i>	<i>Mo</i>	<i>DP</i>	<i>Min</i>	<i>Max</i>
Tamanho da rede	8,43	7	4,55	2	27
Densidade	87,83	100	20,69	7,69	100
Campos relacionais	1,91	2	0,497	1	4
Composição da rede					
Membros das relações familiares	4,74	3	2,58	0	20
Membros das relações de amizade	3,53	0	3,33	0	23
Membros das relações de vizinhança	0,03	0	0,19	0	2
Membros das relações de estudo	0,09	0	0,59	0	7
Membros das relações de trabalho	0,04	0	0,26	0	3
Distribuição da rede					
Proporção das relações familiares	61,64	100	24,31	0	100
Proporção das relações de amizade	36,65	0	23,99	0	87,5
Proporção das relações de vizinhança	0,32	0	2,26	0	22,2
Proporção das relações de estudo	0,96	0	5,21	0	53,85
Proporção das relações de trabalho	0,44	0	3,59	0	50

Nota. N = amostra total; M = Média; Mo = Moda; DP = Desvio Padrão; Min = Mínimo; Max = Máximo.

Como mencionado anteriormente, o tamanho médio da rede é de 8 elementos. Porém, tendo em consideração as classes que constam na Tabela 12, o tamanho varia com maior expressão percentual entre os 5 e os 8 membros, representando 55,9% dos casos. As redes de tamanho ínfimo, com 2 membros, são pouco frequentes (2,0%), bem como as redes maiores, entre os 17 e os 27 membros (5,2%). Note-se que

encontramos somente pouco mais do que 1/3 da amostra (37,9%) acima do tamanho médio (8 elementos).

A maior parte dos estudantes universitários refere que com a entrada para o ensino superior o tamanho da rede não se alterou (39,7%). No entanto, com uma percentagem muito próxima (30,4%), 75 dos participantes perceberam a entrada para a universidade como um momento de expansão da rede.

No que se refere ao tipo de densidade da rede, constatamos, uma vez mais, a elevada densidade das redes, sendo que 74,5% da amostra apresenta redes coesas. As redes fragmentadas são menos frequentes (23,5%) e as dispersas são residuais (2,0%), estatisticamente.

A Tabela 12 apresenta os resultados obtidos relativamente ao tamanho e densidade das redes dos estudantes universitários.

Tabela 12

Tamanho e densidade da rede (N = 247)

	<i>n</i>	<i>%</i>
Tamanho da rede em classes		
2 membros	5	2,0
3 e 4 membros	35	14,2
5 e 6 membros	57	23,2
7 e 8 membros	56	22,7
9 e 10 membros	29	11,7
11 e 12 membros	25	10,1
13 e 14 membros	18	7,3
15 e 16 membros	9	3,6
>16 membros	13	5,2
Percepção da mudança do tamanho da rede após a entrada para o ensino superior		
Muito maior do que antes	21	8,5
Maior do que antes	75	30,4
Aproximadamente o mesmo	98	39,7
Menor do que antes	26	10,5
Muito menor do que antes	26	10,5
N/R	1	0,4
Tipo de densidade da rede		
Coesa (> 80% a 100%)	184	74,5
Fragmentada (> 33,33% a 80%)	58	23,5
Dispersa (<= 33,33%)	5	2,0

Nota. N = amostra total; n = frequência; % = percentagem de participantes; N/R = não responde.

Analisando a composição das redes dos participantes, é assinalável que 75,7% da amostra tenha as suas redes centradas em dois campos relacionais. O mesmo se consta aquando da combinação de campos relacionais (Tabela 13) dada a maior expressão percentual verificada nas redes que conjugam relações familiares com de amizade (73,7%).

As redes exclusivamente compostas por amigos e relações de trabalho são residuais, sendo inexistentes redes só com relações de amizade, de vizinhança, de estudo e de trabalho.

Seguem-se as redes compostas por 1 domínio relacional (17,0%), 3 domínios relacionais (6,9%), ou 4 campos relacionais (0,4%). A composição das redes com 3 domínios relacionais expressam uma maior diversidade de combinações, sendo as mais comuns as redes compostas por família, amigos e colegas de estudo (3,2%), por família, amigos e vizinhos (1,6%) e por família, amigos e colegas de trabalho (1,6%). As

restantes combinações registam uma expressão inferior a 1%.

Tabela 13

Composição da rede (N = 247)

	<i>n</i>	%
Número de campos relacionais na rede		
1	42	17,0
2	187	75,7
3	17	6,9
4	1	0,4
Variações na combinação de campos relacionais		
Rede com relações familiares	42	17,0
Rede com relações familiares e de amizade	182	73,7
Rede com relações familiares e de vizinhança	2	0,8
Rede com relações familiares e de estudo	2	0,8
Rede com relações familiares e de trabalho	1	0,4
Rede com relações familiares, de amizade e de vizinhança	4	1,6
Rede com relações familiares, de amizade e de estudo	8	3,2
Rede com relações familiares, de amizade e de trabalho	4	1,6
Rede com relações familiares, de amizade, de vizinhança e de estudo	1	0,4
Rede com relações de amizade e de trabalho	1	0,4
Família na Composição da Rede		
Redes exclusivamente familiares	42	17,0
Redes com relações familiares e outros campos relacionais	204	82,6
Redes sem relações familiares	1	0,4

Nota. N= amostra total; n = frequência; %= percentagem de participantes.

No que respeita ao nível de suporte percebido, este foi avaliado para três funções genéricas (emocional, tangível e informativo) e para uma função específica (acesso a novos contactos), através de uma escala de intensidade de 1 a 5. O apoio social total foi calculado com base nas funções anteriores, tendo também sido avaliada a reciprocidade do mesmo.

Os níveis médios de suporte percebidos são elevados, sendo os valores modais os máximos para todas as variáveis. O nível de apoio mais elevado é o emocional e os mais baixos são o tangível e o acesso a novos contactos. A reciprocidade é também percebida como elevada, verificando-se através das medidas de tendência central que os sujeitos dão apoio à maior parte das pessoas da sua rede (90,7%).

A Tabela 14 sintetiza as pontuações obtidas quanto às características funcionais das redes da população do estudo.

Tabela 14*Características funcionais das redes sociais pessoais: medidas descritivas (N = 247)*

	<i>M</i>	<i>Mo</i>	<i>DP</i>	<i>Min</i>	<i>Max</i>
Apoio emocional	4,26	5	0,67	1	5
Apoio tangível (material e instrumental)	3,84	5	0,97	1	5
Apoio informativo	4,19	5	0,74	1	5
Acesso a novos contactos	4,04	5	0,83	1	5
Apoio social (somatório)	4,09	5	0,70	1	6,33
Reciprocidade de apoio	3,85	4	0,89	1	4
Reciprocidade de apoio	<i>n</i>				%
N/R	1				0,4
Não dá apoio a nenhuma destas pessoas	1				0,4
Dá apoio a poucas destas pessoas	0				0
Dá a apoio a algumas destas pessoas	21				8,5
Dá apoio à maior parte destas pessoas	224				90,7

Nota. N = amostra total; n = frequência; M = Média; DP = Desvio Padrão; Mo = Moda; Min = Mínimo; Máx = Máximo.

Relativamente à durabilidade das relações, o valor médio é de 14 anos (variando entre 0 e 39 anos), o que nos indica estabilidade dos vínculos na rede ao longo do tempo.

A média da frequência de contactos entre o participante e os membros da sua rede situa-se no intervalo entre os contactos semanais e plurisemanais ($M = 3,99$), sendo a moda os contactos diários. Quanto à dispersão geográfica média conclui-se que os elementos da rede residem na mesma localidade ou na mesma rua/bairro ($M = 3,17$), apontando a moda para a residência na mesma localidade.

Na Tabela 15 podem observar-se os resultados obtidos relativamente às características relacionais-contextuais das redes sociais dos estudantes de ensino superior.

Tabela 15*Características relacionais-contextuais das redes sociais pessoais: medidas descritivas (N = 247)*

	<i>N</i>	<i>M</i>	<i>Mo</i>	<i>DP</i>	<i>Min</i>	<i>Max</i>
Durabilidade média das relações com membros da rede (em anos)	247	14,12	18	4,66	0	39,27
Frequência de contactos	247	3,99	5	0,85	1	5
Dispersão geográfica	247	3,17	3	0,93	1	5

Nota. N = amostra total; n = frequência; M = Média; DP = Desvio Padrão; Mo = Moda; Min = Mínimo; Máx = Máximo.

No que concerne à aglomeração dos dados numa tipologia de rede social, salienta-se que a sua denominação foi baseada na distribuição/ proporção ocupada por cada um dos domínios relacionais na rede, representada percentualmente, sendo esta característica claramente diferenciadora dos dois *clusters* agregados. Se no primeiro *cluster* se constata um investimento tanto no campo familiar como de amizade, o segundo *cluster* é distintamente dominado pelo campo familiar, como se pode observar na figura 3.

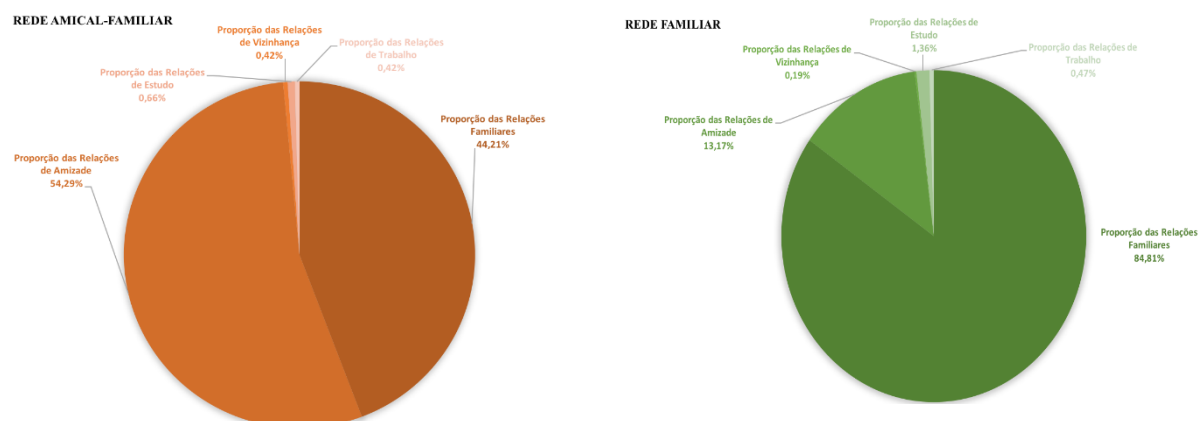


Figura 3. Representações gráficas da composição dos dois tipos de rede na tipologia.

No que respeita ao primeiro *cluster*, a tipologia de rede a ele subjacente foi apelidada de rede amical-familiar, uma vez que se apresenta distintamente composto por relações de amizade (54,29%) e relações familiares (44,21%), sendo residuais as relações de vizinhaça (0,42%), de estudo (0,66%) e de trabalho (0,42%). Este tipo de rede apresenta um nível de densidade de 83,80%, revelando que a maior parte dos membros da rede se encontram interconectados entre si. Encontram-se associados a esta tipologia de rede níveis elevados de suporte emocional, informativo e de acesso a novos contactos, mas níveis moderados dos restantes tipos de apoio. Verifica-se, também, que os membros da rede vivem tendencialmente na mesma terra ou na mesma zona, sendo a interação entre eles semanal.

Relativamente ao segundo *cluster*, o tipo de rede a ele subjacente foi designado por rede familiar, uma vez que se encontram em destaque os laços de parentesco (84,81%). As relações apresentam-se como coesas na densidade, revelando níveis elevados nos vários tipos de apoio, bem como na reciprocidade do mesmo. Os elementos da rede aparentam residir na mesma zona, existindo um contacto regular entre os mesmos.

Verificam-se diferenças estatisticamente significativas ($p < 0,05$) em relação às dimensões estrutural (tamanho da rede, densidade e campos relacionais) e relacional-contextual (frequência de contactos, dispersão e durabilidade relacional) entre as duas tipologias encontradas.

A Tabela 16 sintetiza as características das redes sociais segundo a tipologia, partindo dos centróides dos *clusters*.

Tabela 16*Características das redes sociais pessoais segundo a tipologia: centróides dos clusters (N = 247)*

	1. Rede Amical-Familiar	2. Rede Familiar	U (r)
	n = 141 57,1%	n = 106 42,9%	
	C_i	C_i	
Características Estruturais			
Tamanho da rede	9,82	6,58	3974,000** (0,40)
Densidade	83,80	93,19	5680,000** (0,24)
Campos relacionais	2,11	1,64	4344,000** (0,48)
Características Funcionais			
Apoio emocional	4,24	4,28	6690,000 ^{NS}
Apoio material e instrumental	3,79	3,90	6817,500 ^{NS}
Apoio informativo	4,23	4,15	7294,000 ^{NS}
Acesso a novos contactos	4,09	3,97	7152,000 ^{NS}
Apoio social (somatório)	4,08	4,09	7210,000 ^{NS}
Reciprocidade de apoio	3,82	3,89	7456,000 ^{NS}
Características Relacionais-Contextuais			
Frequência de contactos	3,89	4,13	6068,500** (0,16)
Dispersão geográfica	3,02	3,37	5753,500** (0,20)
Durabilidade relacional	12,46	16,34	3174,000** (0,49)

Nota. N= amostra total; n = frequência; %= percentagem dos participantes; C_i =Centróide do cluster; U – U de Mann-Whitney; r = valor de z / raiz quadrada de N; * $p < 0,05$; ** $p < 0,01$; ^{NS} Não significativo.

Foi realizado, ainda, um estudo correlacional entre algumas das características das redes sociais pessoais com as seis subescalas da FACES-IV, equilibradas e desequilibradas, bem como com a *Comunicação* e a *Satisfação*. Ainda que algumas das correlações encontradas sejam moderadas ($r = 0,30$ a $0,49$), a maior parte delas consideram-se baixas ($r = 0,10$ a $0,29$) (Pallant, 2011). Tendo em conta as associações diretamente proporcionais e inversamente proporcionais verificadas (Apêndice E), salientamos a existência de correlação entre o tamanho da rede e a coesão ($r = 0,1999$) e a flexibilidade na família ($r = 0,163$).

Discussão dos Resultados

Os resultados apresentados permitem concluir que: 1) os estudantes universitários percebem as suas famílias como equilibradas; 2) estão pouco satisfeitos com a família; 3) os estudantes que estão com a família mais frequentemente têm maior percepção de emaranhamento; 4) os estudantes que fazem parte de famílias nucleares alargadas e nucleares intactas têm melhor percepção de funcionamento da sua família; 5) as redes dos estudantes universitários têm um tamanho médio de 8 pessoas; 6) são sobretudo compostas por familiares e amigos; 7) são redes coesas, com elevada percepção de reciprocidade e de apoio recebido; 8) a entrada para o ensino superior não gerou alterações no tamanho da rede; 9) existe uma correlação entre o tamanho da rede e a coesão e flexibilidade na família.

Os estudantes universitários, na sua globalidade, percebem as suas famílias como equilibradas. Estes obtiveram pontuações elevadas nas subescalas equilibradas e baixas nas subescalas desequilibradas. De acordo com as tipologias familiares ou *clusters* definidos por Olson e Gorall (2006), podemos

enquadrar estas famílias no *Cluster 1: Equilibradas (Balanced)*. Esta combinação de resultados traduz uma tipologia familiar com altos níveis de funcionalidade e baixos níveis de disfuncionalidade. Assim sendo, é apontado pelos autores que, este tipo de famílias irá, à partida, saber ajustar-se aos desafios que lhe forem emergindo, promovendo a mudança ao longo do tempo, sendo baixa a probabilidade de necessitar de uma intervenção terapêutica.

Os estudantes consideram-se, também na sua generalidade, poucos satisfeitos com as suas famílias, resultado este também alcançado na investigação de Anjos (2017) com uma população de estudantes universitários. Este resultado requer uma análise cuidadosa, uma vez que contraria a percepção de funcionalidade observada através das subescalas da coesão e adaptabilidade familiar.

De acordo com Olson (2000), a dimensão da satisfação com a família traduz a satisfação de cada elemento sobre vários aspetos relativos à dinâmica familiar. É por si defendido que, aquando da alteração de objetivos de um dos membros da família, de alguma forma esta última deverá flexibilizar-se, ajustando-se às solicitações dos seus elementos (e.g. autonomia e diferenciação face à família implicada na transição da etapa da adolescência para a idade adulta). Hipotetiza-se, tendo em conta a etapa do ciclo vital em que se encontram - *família com filhos adultos* - que esta possa ter alguma importância neste resultado já que são vários os desafios e dificuldades que a família e o jovem têm de gerir em relação ao contexto académico dos estudantes (e.g. rotina, despesas, tarefas, alteração de regras, tipo de comunicação, etc.). Este resultado pode refletir tensões/ dificuldades na gestão de mudanças no funcionamento da família, envolvendo alguma conflitualidade e negociação. Também a autonomia face à família e as modificações na rede social, que são expectáveis neste período, podem desencadear um olhar mais crítico face à família.

A percepção de funcionalidade – coesão e adaptabilidade - não correspondem necessariamente à satisfação com a família. A pontuar a satisfação podem estar os fatores desenvolvimentais anteriormente mencionados, referentes à etapa do ciclo vital da família, e, ainda, indicadores contextuais – económicos, culturais e sociais - ou acontecimentos de vida específicos, de que são exemplos doenças ou situações de desemprego, que expliquem este resultado, ou seja, que façam com que a satisfação com a família seja baixa, mas esta seja percebida como funcionando de forma coesa e flexível face aos desafios em causa. Conclui-se que a frequência do ensino universitário constitui um período de desafios complexos, tanto para o jovem como para a sua família, com impacto na satisfação familiar.

Os estudantes que mais regularmente se deslocam à residência da família (contactos plurisemanais e semanais) apresentam uma maior percepção de emaranhamento. Segundo Alarcão (2002), consideram-se como famílias emaranhadas aquelas que desenvolvem e sustentam um exagerado nível de intercâmbios e de apreensões entre os diferentes membros, diminuindo as distâncias interpessoais e misturando os limites entre gerações, subsistemas e indivíduos. A indiferenciação face à família pode limitar as suas

capacidades de adaptação, dificultando o ajustamento nas solicitações de autonomia. Neste sentido, o emaranhamento relacional pode ser entendido como um bloqueio no seu processo de separação-individuação face à família (Silva & Ferreira, 2009), indo de encontro ao resultado anterior da insatisfação dos estudantes com a família. Também neste sentido aponta o estudo de Fiorini (2017) com uma população de jovens universitários, onde se concluiu que níveis mais baixos de diferenciação face à família influenciam negativamente a perceção do seu funcionamento – valores baixos na comunicação e na satisfação com a família.

Note-se que se verificaram, também, diferenças entre os estudantes que se deslocam semanalmente, quinzenalmente e mensalmente com os que se deslocam apenas algumas vezes por ano, sendo estes últimos a revelarem pontuações mais elevadas. No que respeita a este último dado, os estudantes que se deslocam à residência de origem apenas algumas vezes por ano, poderão percecionar o emaranhamento na família como mais elevado pelo facto de já terem consolidado o seu processo de autonomização e diferenciação face à família. Neste sentido, o retorno a casa e ao funcionamento familiar prévio gera um confronto com uma forma de funcionamento da família que pode ser sentida como excessivamente próxima. Por outro lado, também é expectável que face a longos períodos de tempo de ausência de contactos presenciais a família possa assumir um funcionamento mais coeso e até emaranhado nos períodos de tempo em que estão com o filho como forma de compensar os períodos de distância.

Os estudantes universitários que fazem parte de famílias nucleares alargadas e nucleares intactas apresentam uma perceção mais positiva do funcionamento das suas famílias comparativamente às restantes tipologias familiares.

Em comparação com as famílias nucleares intactas e nucleares alargadas, nas famílias monoparentais, a mudança estrutural de dois adultos para um adulto, por consequência de um processo de divórcio, separação ou viuvez, origina transições e reorganizações inevitáveis que podem colocar em crise o contexto familiar, ainda que afete cada elemento de um modo particular (Relvas & Alarcão, 2002). A ausência de um dos elementos no subsistema parental implica sobrecarga e potenciais restrições e limitações financeiras no contexto de vida da família. Dependendo da família em causa, podem também observar-se alguns constrangimentos com repercussões afetivas que implicam insatisfação, como por exemplo, poucos contactos entre um dos pais e o(s) filho(s), relações marcadas pelo distanciamento ou pelo conflito (entre os pais e/ou filho(s)), problemas associados ao divórcio/separação, entre outros fatores contextuais em particular, que nos auxiliam a justificar os resultados encontrados.

Comparando os resultados das famílias nucleares alargadas e nucleares intactas com os das famílias reconstituídas, os níveis mais baixos de coesão e emaranhamento destas últimas poderão relacionar-se com a experiência de luto pela família anterior e com a organização numa nova família. Também a

pertença a duas famílias distintas – família do pai e da mãe – pode dificultar a promoção da coesão na família, ou até em ambas, condicionando a proximidade entre os membros da estrutura atual.

Relativamente às redes sociais, verificámos que as redes dos estudantes universitários apresentam um tamanho, em média, de 8 membros. Ainda que sejam muitíssimos escassos os estudos com jovens adultos e, particularmente, com estudantes de ensino superior, tendo em conta a fase desenvolvimental pela qual os participantes se encontram a passar, a dimensão obtida pode ser considerada pequena. Neste sentido, colocamos como hipótese que os participantes tenham sido muito seletivos nos elementos que identificaram na sua rede, tendo considerado somente as relações de maior proximidade e de significância, o que se pode constatar através da durabilidade relacional média por si apontada (14 anos), que nos indica a estabilidade dos vínculos. Note-se que poderemos estar a assistir a uma tendência de afunilamento nas relações mais próximas, tal como defendido pelo sociólogo Bauman (2000), na medida em que o mesmo alude a seleção de membros na rede como a marca da sociedade moderna, ou seja, como um traço civilizacional. Ainda assim, necessitaríamos de estudos qualitativos adicionais para compreender o valor de relação significativa para estes jovens adultos, bem como para conhecer a trajetória relacional dos mesmos.

Ao analisarmos a composição das redes sociais e, posteriormente, a distribuição/ proporção ocupada por cada um dos domínios relacionais nas redes, verificamos que as redes dos estudantes são, em média, constituídas por familiares e amigos. Salienta-se, assim, a homogeneidade do ponto de vista relacional, dado que a maioria dos estudantes apresenta redes claramente dominadas pelos laços de parentesco e de amizade. Este resultado é verificado também no estudo de Pinheiro (2003), que concluiu que a família e o grupo de pares são as principais fontes de suporte do estudante e facilitam uma melhor adaptação ao contexto académico. Também o estudo de Teixeira et al. (2008) refere que os jovens estudantes procuram nesta fase do seu desenvolvimento o suporte de pessoas que possam auxiliá-los neste período de novas experiências e desafios, nos quais se destacam os colegas de curso, que poderão estar a vivenciar situações semelhantes, apesar da manutenção da importância da família na rede social (Dolan, Canavan, & Brady, 2008). Contudo, crê-se, tendo em conta a pouca expressividade das relações de estudo, que esses elementos possam ter sido considerados pelos inquiridos nas relações de amizade.

As redes sociais dos estudantes universitários revelam-se coesas, com elevada perceção de reciprocidade e de apoio percebido/recebido. A densidade média das redes dos estudantes de ensino superior é muito elevada e indicativa de redes muito coesas. Tendo em conta a valorização da família nas redes dos participantes, este resultado vai ao encontro dos níveis de coesão alcançados com a FACES-IV. Os níveis médios percebidos/recebidos de suporte dos estudantes são elevadíssimos para todos os tipos de apoio investigados. Contudo, destacou-se o apoio emocional, que de acordo com Barrón (1996) é

manifestado pela existência de relações de intimidade e proximidade, implicando o tipo de suporte existente nas relações de amizade íntimas e familiares (Sluzki, 1996), indo ao encontro dos resultados defendidos. Como indicado na investigação de Oliva et al. (2008), os indivíduos que vivem com a família, nas quais se privilegia o desenvolvimento de elevado suporte emocional, obtêm resultados positivos no confronto com novos desafios e na resolução dos mesmos. A percepção de reciprocidade foi, também, elevada, tendo os estudantes assumido que concedem apoio à maior parte dos membros da sua rede (90,7%), corroborando o resultado obtido no estudo de Ferreira (2012) com uma amostra de estudantes universitários. Todos estes resultados têm, de facto, a ver com a composição da rede dos estudantes, uma vez que família e amigos próximos tendem a conhecer-se entre si.

A maior parte dos estudantes universitários revelou que a entrada para o ensino superior não gerou alterações no tamanho da rede (39,7%). Este dado não vai ao encontro do defendido por Sluzki (1996), nem do resultado encontrado no estudo desenvolvido por Ferreira (2012), que apontam esta fase como significativa no que respeita ao alargamento da rede relacional, cujo começo incide aquando da importância do grupo de pares para o indivíduo. Porém, podemos refletir que para muitos haverá uma continuidade e não descontinuidade entre amigos no ensino secundário e universidade. Tal também poderá dever-se às características atuais do próprio ensino superior, com tendente formação de 3 anos, o que provavelmente não permite a consolidação de relações de amizade ou de companheirismo entre colegas como poderia eventualmente ocorrer com cursos mais alargados temporalmente. Para além do mais, poderemos colocar como hipótese que a criação de laços de confiança nas sociedades contemporâneas num meio competitivo poderá acarretar dificuldades à expansão relacional esperada nesta fase desenvolvimental.

No estudo correlacional realizado verificámos que existe uma correlação entre o tamanho da rede e a coesão e a flexibilidade na família. Ou seja, o número de elementos na rede (tamanho) associa-se à percepção da família como coesa e flexível. Assumindo-se a não linearidade desta relação, fica exposto que a diversidade da rede e de recursos e o funcionamento familiar flexível e coeso se retroalimentam e geram possibilidades relacionais que, potencialmente, facilitam o enfrentamento de desafios pelos estudantes aquando da permanência no ensino superior. Pelo contrário, verificou-se uma associação negativa com as dimensões de percepção de funcionamento desequilibrado.

Conclusões

Esta investigação permite concluir que o funcionamento familiar e a rede social dos estudantes se encontram associados e podem potenciar o ajustamento na fase de desenvolvimento e nos desafios que esta comporta para os mesmos.

Não podemos também deixar de mencionar algumas das limitações do nosso estudo. Uma das

limitações deste trabalho foi apenas termos acesso à perspectiva de um dos elementos da família. Sugere-se que, em futuras investigações, esta limitação seja ultrapassada, de modo a que toda a família possa pronunciar-se acerca do seu funcionamento. No que concerne às redes sociais, apesar de oferecer contributos para esta área, é de mencionar a escassez de estudos nacionais e internacionais nesta etapa de desenvolvimento dos indivíduos inquiridos, que nos auxiliassem a enriquecer a discussão dos nossos resultados. Uma vez que hipotetizámos que os participantes procederam à seleção dos elementos para as suas redes tendo por base as relações de maior proximidade e compromisso, aponta-se que, futuramente, para este tipo de estudos com este tipo de instrumentos, poderá ser importante realizar-se a administração do inventário num contexto mais individualizado, com uma entrevista prévia, de modo a aceder-se a informação mais consistente. Para além da relevância da realização de estudos qualitativos adicionais a fim da compreensão de relação significativa e do conhecimento da trajetória relacionais destes jovens adultos, poderá ser interessante uma compreensão longitudinal, de modo a reunir, tanto na investigação como na intervenção, aspetos compreensivos acerca do funcionamento familiar e da rede social, bem como de que forma estes constructos se relacionam em várias trajetórias desenvolvimentais.

Quanto à prática clínica, pode revelar-se uma mais-valia a criação de grupos de suporte para pais no sentido de normalizar a entrada para o ensino superior dos filhos e os desafios que a mesma acarreta. Mas também o inverso, a formação de um espaço de partilha entre jovens caloiros e não caloiros acerca dos desafios individuais, familiares e sociais implicados nesta etapa de ensino, podendo facilitar a sua integração e o ajustamento ao novo contexto. Para além do mencionado, seria relevante potenciar espaços de construção e de amplificação de redes sociais.

No entanto, convém referir que a realização deste estudo pode contribuir para o progresso do conhecimento acerca das redes sociais numa distinta fase de desenvolvimento, sendo esta marcada por experiências, desafios, mudanças, tanto a nível individual como familiar e social. Também o estabelecimento de associações entre a rede social pessoal com o funcionamento familiar revela-se imprescindível para a compreensão da relevância da ativação ou não da rede aquando do confronto da família com os desafios que lhe forem emergindo.

Referências Bibliográficas

- Alarcão, M. (2002). *(Des)equilíbrios familiares: Uma visão sistémica* [Family (un)balances: A systemic view] (2nd ed.). Coimbra: Quarteto Editora.
- Alarcão, M., & Sousa, L. (2007). Rede social pessoal: Do conceito à avaliação [Personal social network: From concept to evaluation]. *Psychologica*, 44, 353-376. Retrieved from <http://hdl.handle.net/10849/96>

- Alves, S. N. (2007). *Filhos da madrugada: percursos em lares de infância e juventude* [Children of the dawn: courses in childhood and youth homes] (Monografia). Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, Universidade Técnica de Lisboa.
- Anjos, V. N. (2017). *Perceção do funcionamento familiar e do suporte social em estudantes do ensino superior em Portugal Continental* [Perception of family functioning and social support in higher education students in Continental Portugal] (Master's thesis, ISMT, Coimbra). Retrieved from <http://repositorio.ismt.pt/handle/123456789/731>
- Barrón, A. (1996). *Apoyo social: Aspectos teóricos y aplicaciones* [Social support: Theoretical aspects and applications]. Madrid: Siglo Veintiuno Editores.
- Bauman, Z. (2000). *The individualized society*. Cambridge: Polity.
- Bradley, R. H., & Corwyn, R. F. (2000). Moderating effect of perceived amount of family conflict on the relation between home environmental processes and the well-being of adolescents. *Journal of Family Psychology, 14*(3), 349-364. doi:10.1037/0893-3200.14.3.349
- Branco, B. M., Wagner, A., & Demarchi, K. A. (2008). Adolescentes infratores: Rede social e funcionamento familiar [Adolescent transgressors: Social network and family functioning]. *Psicologia: Reflexão e Crítica, 21*(1), 125-132. doi:10.1590/S0102-79722008000100016
- Carter, B., & McGoldrick, M. (2005). Overview: The expanded family life cycle: Individual, family, and social perspectives. In B. Carter & M. McGoldrick (Eds.), *The expanded family life cycle: Individual, family, and social perspectives* (pp. 1-26). Boston: Allyn & Bacon Classics.
- Cerveira, C. M. (2015). *Funcionamento das famílias: Perceção de funcionamento familiar nas diferentes configurações familiares* [Family functioning: Perception of family functioning in different family settings] (Master's thesis, ISMT, Coimbra). Retrieved from <http://repositorio.ismt.pt/handle/123456789/486>
- Cohen, J. W. (1988). *Statistical power analysis for the behavioral sciences* (2nd ed.). Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Coimbra, A. (1990). Redes sociais: Apresentação de um instrumento de investigação [Social networks: Presentation of a research instrument]. *Análise Psicológica, 8*(2), 171-177. Retrieved from http://repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/2671/1/1990_2_171.pdf
- Dinis, A. C. A. R. (2013). *Adaptação académica, apoio social e bem-estar subjetivo dos estudantes do ensino superior: Um estudo nas residências universitárias* [Academic adaptation, social support and subjective well-being of higher education students: A study in university residences] (Master's thesis, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, Coimbra). Retrieved from <http://hdl.handle.net/10316/25321>
- Dolan, P., Canavan, J., & Brady, B. (2008). Youth mentoring and the parent-young person relationship: Considerations for research and practice. *Youth & Policy, 99*, 33-42. Retrieved from https://aran.library.nuigalway.ie/xmlui/bitstream/handle/10379/218/B_Brady.pdf?sequence=1
- Eigen, C. A., Hartman, B. W., & Hartman, P. T. (1987). Relationship between family interaction patterns and career indecision. *Psychological Reports, 60*(1), 87-94. doi:10.2466/pr0.1987.60.1.87
- Falceto, O. G., Busnello, E. D., & Bozzetti, M. C. (2000). Validação de escalas diagnósticas do funcionamento familiar para utilização em serviços de atenção primária à saúde [Validation of diagnostic scales of family functioning for use in primary health care services]. *Revista Panamericana de Salud Pública, 7*(4), 255-262. Retrieved from <https://scielosp.org/pdf/rpsp/2000.v7n4/255-263/pt>

- Ferreira, V. (2012). *Estudo sobre comportamentos de segurança, autoconceito, saúde mental e tamanho da rede pessoal social em estudantes universitários deslocados da sua residência de origem* [Study on safety behaviors, self-concept, mental health and social personal network size in university students displaced from their original residence] (Unpublished master's thesis). Instituto Superior Miguel Torga, Coimbra.
- Fiorini, M. C. (2017). *Perceção do funcionamento familiar, diferenciação do self e adaptabilidade de carreira de estudantes universitários* [Perception of family functioning, self differentiation and career adaptability of university students] (Master's thesis, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis). Retrieved from <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/177764>
- Fortin, M.-F. (1999). *O Processo de investigação: Da concepção à realização* [The research process: From conception to realization]. Loures: Lusociência.
- Gouveia, R. I. C. (2014). *Personal networks in Portuguese society: A configurational and lifecourse approach* (Doctoral dissertation, Universidade de Lisboa, Instituto de Ciências Sociais, Lisboa). Retrieved from <http://hdl.handle.net/10451/15607>
- Guadalupe, S. (2008). *A saúde mental e o apoio social na família do doente oncológico* [Mental health and social support in the cancer patient's family] (Doctoral dissertation, Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar, Porto). Retrieved from <http://repositorio.up.pt/aberto/handle/10216/16133>
- Guadalupe, S. (2009). *Intervenção em rede: Serviço social, sistémica e redes de suporte social* [Network intervention: Social, systemic and social support networks]. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Guadalupe, S. (2012). Instrumento de análise da rede social pessoal: Manual para o utilizador [Personal social network analysis tool: User guide] (Unpublished manuscript). Instituto Superior Miguel Torga, Coimbra.
- Hendry, L. B., & Kloep, M. (2002). *Lifespan development: Resources, challenges and risks*. London: Thomson Learning.
- Keitner, G. I., Heru, A. M., & Glick, I. D. (2010). *Clinical manual of couples and family therapy*. Washington, DC: American Psychiatric Publishing.
- Lanigan, J. D. (2009). A sociotechnological model for family research and intervention: How information and communication technologies affect family life. *Marriage & Family Review*, 45(6-8), 587-609. doi:10.1080/01494920903224194
- Lee, P.-L., Hamman, D., & Lee, C. C. (2007). The relationship of family closeness with college students' self-regulated learning and school adjustment. *College Student Journal*, 41(4), 779-788. Retrieved from <https://eric.ed.gov/?id=EJ816802>
- Lopez, F. G., & Andrews, S. (1987). Career indecision: A family systems perspective. *Journal of Counseling and Development*, 65(6), 304-307. doi:10.1002/j.1556-6676.1987.tb01291.x
- Martín, E., & Dávila, L. M. (2008). Redes de apoyo social y adaptación de los menores en acogimiento residencial [Social support networks and adaptation of minors in residential care]. *Psicothema*, 20(2), 229-235. Retrieved from <http://www.psicothema.com/pdf/3453.pdf>
- Meléndez-Moral, J. C., Tomás-Miguel, J. M., & Navarro-Pardo, E. (2007). Análisis de las redes sociales en la vejez a través de la entrevista Manheim [Analysis of social networks in old age through the Manheim interview]. *Salud Pública de México*, 49(6), 408-414. doi:10.1590/S0036-36342007000600007

- Mota, C. P., & Rocha, M. (2012). Adolescência e jovem adultícia: Crescimento pessoal, separação-individuação e o jogo das relações [Adolescence and emerging adulthood: Personal growth, separation-individuation and the relational game]. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 28(3), 357-366. doi:10.1590/S0102-37722012000300011
- Nelas, P. A., Chaves, C., Coutinho, E., Cruz, C., & Amaral, O. (2016). Violência no namoro, adaptabilidade e coesão familiar em estudantes do ensino superior [Violence in dating, adaptability and family cohesion in students of higher education]. *Revista INFAD de Psicología*, 2(1), 357-364. doi:10.17060/ijodaep.2016.n1.v2.234
- Oliva, A., Jiménez, J. M., Parra, Á., & Sánchez-Queija, I. (2008). Acontecimientos vitales estresantes, resiliencia y ajuste adolescente [Stressful life events, resilience and adolescent adjustment]. *Revista de Psicopatología y Psicología Clínica*, 13(1), 53-62. Retrieved from [http://aepcp.net/arc/\(5\)%202008\(1\).Oliva%20et%20al.pdf](http://aepcp.net/arc/(5)%202008(1).Oliva%20et%20al.pdf)
- Olson, D. H. (2000). Circumplex model of marital and family systems. *Journal of Family Therapy*, 22(2), 144-167. doi:10.1111/1467-6427.00144
- Olson, D. H. (2010). *FACES IV: Scoring & storing data*. Retrieved from <http://www.facesiv.com/pdf/scoring.pdf>
- Olson, D. H. (2011). FACES IV and circumplex model: Validation study. *Journal of Marital and Family Therapy*, 37(1), 64-80. doi:10.1111/j.1752-0606.2009.00175.x
- Olson, D. H., & Gorall, D. (2003). Circumplex model of marital and family systems. In F. Walsh (Ed.), *Normal family processes: Growing diversity and complexity* (3rd ed., pp. 514-547). New York: The Guilford Press.
- Olson, D. H., & Gorall, D. M. (2006). *FACES IV & the circumplex model*. Retrieved from https://www.societyofpediatricpsychology.org/sites/default/files/files/3_innovations.pdf
- Olson, D. H., Sprenkle, D. H., & Russell, C. S. (1979). Circumplex model of marital and family systems: I. cohesion and adaptability dimensions, family types, and clinical applications. *Family Process*, 18(1), 3-28. doi:10.1111/j.1545-5300.1979.00003.x
- Pallant, J. (2011). *SPSS survival manual: A step by step guide to data analysis using SPSS for Windows* (4th ed.). Crows Nest NSW: Allen and Unwin.
- Penha, M. T. (1996). *Crianças em risco* [Children at risk]. Direção Geral da Ação Social, Lisboa. Retrieved from http://www.seg-social.pt/documents/10152/51285/Crianças_risco/dc3e9df8-5a75-4556-aacf-07579a6770f3
- Pinheiro, M. R. C. N. M. M. (2003). *Uma época especial: Suporte social e vivências académicas na transição e adaptação ao ensino superior* [A special time: Social support and academic experiences in transition and adaptation to higher education] (Doctoral dissertation, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação de Coimbra, Coimbra). Retrieved from <http://hdl.handle.net/10316/988>
- Proctor, C. D., Groza, V. K., & Rosenthal, J. A. (2014). *Social support and adoptive families of children with special needs*. Retrieved from <http://msass.case.edu/downloads/vgroza/003-1999.pdf>
- Relvas, A. P. (1996). *O ciclo vital da família: Perspectiva sistémica* [The family life cycle: Systemic perspective]. Porto: Edições Afrontamento.
- Relvas, A., & Alarcão, M. (2002). *Novas formas de famílias* [New forms of families] (2nd ed.). Lisboa: Quarteto Editora.

- Sampieri, R. H., Collado, C. F., & Lucio, P. B. (2006). *Metodologia de pesquisa* [Research methodology] (3rd ed.). São Paulo: McGraw Hill.
- Seco, G., Pereira, I., Dias, I., Casimiro, M., & Custódio, S. (2007, abril). *Construindo pontes para uma adaptação bem-sucedida ao ensino superior: Implicações práticas de um estudo* [Building bridges for successful adaptation to higher education: Practical implications of a study]. Paper presented at the IX Congresso da Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação, Madeira. Retrieved from <http://hdl.handle.net/10400.8/18>
- Sequeira, J., Cerveira, C., Silva, M. I., Neves, S., Vicente, H., Espírito-Santo, H. & Guadalupe, S. (em preparação, 2015). *Validation of FACES IV for the portuguese population*.
- Silva, M. I. M. C. (2015). *Validação da FACES IV: O funcionamento da família em diferentes etapas do ciclo vital* [Validation of FACES IV: The functioning of the family in different stages of the life cycle] (Master's thesis, ISMT, Coimbra). Retrieved from <http://repositorio.ismt.pt/handle/123456789/593>
- Silva, S. L. R., & Ferreira, J. A. G. (2009). Família e ensino superior: Que relação entre dois contextos de desenvolvimento? [Family and higher education: What relationship between two development contexts?]. *Revista Exedra*, 1, 101-126. Retrieved from <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/3398329.pdf>
- Sluzki, C. E. (1996). *La red social: Frontera de la practica sistémica* [The social network: Border of systemic practice]. Barcelona: Gedisa Editorial.
- Teixeira, M. A. P., Dias, A. C. G., Wottrich, S. H., & Oliveira, A. M. (2008). Adaptação à universidade em jovens calouros [Adapting to university in young freshmen]. *Psicologia Escolar e Educacional*, 12(1), 185–202. doi:10.1590/S1413-85572008000100013
- Winek, J. L. (2010). *Systemic family therapy: From theory to practice*. Los Angeles: Sage.
- Zanini, D. S., Verolla-Moura, A., & Queiroz, I. P. A. R. (2009). Apoio social: Aspectos da validade de constructo em estudantes universitários [Social support: Aspects of construct validity in university students]. *Psicologia em Estudo*, 14(1), 195-202. doi:10.1590/S1413-73722009000100023
- Zingaro, J. C. (1983). A family systems approach for the career counselor. *The Personnel and Guidance Journal*, 62(1), 24-27. doi:10.1111/j.2164-4918.1983.tb00111.x